

AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO LITERÁRIO ATRAVÉS DA LEITURA E PRODUÇÃO DE CONTO DE FADAS

Helga Carvalho Baptista de Almeida

José Carlos Gonçalves

Almeida, Helga Carvalho Baptista de.

Ampliação do repertório literário através da leitura e produção de contos de fadas / Helga Carvalho Baptista de Almeida. -- 2020.
196 f.

Orientador: José Carlos Gonçalves

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2020.

1. Letramento Literário. 2. Gênero Textual. 3. Repertório Literário. 4. Leitura. 5. Contos de Fadas. I. Gonçalves, José Carlos, orient. II. Título.

FICHA TÉCNICA

Organizadores

Elza de Sá Nogueira
Érika Kelmer Mathias
Luciana Teixeira
Lucilene Hotz Bronzato
José Carlos Gonçalves
Marco Aurélio de Souza Mendes
Natália Sathler Sigiliano
Neusa Salim Miranda
Patrícia Pedrosa Botelho
Thaís Fernandes Sampaio



APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

A necessidade de se repensar a educação, como forma de alteração positiva de realidades, cria também uma exigência de se estabelecerem caminhos que reinventem o processo de formação docente. Nesse contexto, o PROFLETRAS – Mestrado Profissional em Letras, erigido sob indução da CAPES – reúne hoje 49 (quarenta e nove) Instituições Associadas (IA) de todas as regiões do país e tem cumprido uma agenda pedagógica relevante nos processos de formação continuada de professores e, de maneira especial, na mudança de realidade da educação brasileira. Isso porque o programa tem o grande diferencial de ser voltado exclusivamente para professores de português que estão efetivamente atuando na rede pública de ensino e, além disso, tem como Trabalho de Conclusão Final (TCFs) uma proposta de natureza necessariamente interventiva.

A Universidade Federal de Juiz de Fora (Faculdade de Letras em parceria com o Colégio de Aplicação João XXIII) se constitui como uma IA nesse Programa e, buscando enfrentar o desafio de uma escola contemporânea ao século XXI, propõe uma nova coleção de Cadernos Pedagógicos Digitais, por meio dos quais são apresentados os TCFs de sua terceira turma. Na coleção aqui apresentada, cada um dos doze Cadernos descreve o trabalho interventivo desenvolvido por um professor-pesquisador, sob orientação de um docente do Programa. Cada Caderno se faz acompanhar ainda de um documento com a fundamentação teórico-metodológica adotada e a análise da proposta desenvolvida.

As propostas de intervenção apresentadas são múltiplas e envolvem diferentes aspectos dos processos de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. Seja focalizando os processos de letramento literário, as estratégias de ressignificação das práticas interacionais, a proposição de novas práticas para a leitura e escrita de gêneros, perpassando questões sobre análise linguística, ou mesmo a inserção de novas tecnologias digitais no ensino, todos os trabalhos procuram responder à meta do PROFLETRAS de se tornar um espaço para o desenvolvimento de pedagogias que efetivem a proficiência em letramentos dos alunos que cursam os nove anos do ensino fundamental.

Ao inovar no formato do trabalho de conclusão dos mestres que está formando, o PROFLETRAS/UFJF sinaliza duas preocupações importantes. Primeiro, desejamos que o conhecimento aqui produzido circule do modo mais fácil e democrático possível. A ambição é que, através da ampla divulgação desses trabalhos de conclusão, provoquemos mudanças não

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

apenas na prática pedagógica dos professores que formamos, mas que as ideias aqui plantadas possam gerar mudanças também no ensino de Língua Portuguesa realizado diariamente em inúmeras salas de aula de todo o país. Ademais, a criação de um Caderno Pedagógico Digital traz ainda a economia de milhares de folhas de papel – uma boa lição a ser repassada por professores-pesquisadores da escola fundamental.

Portanto, da mesma forma como a elaboração destes trabalhos exigiu ressignificação das práticas de salas de aulas reais, esperamos que este caderno ofereça a você, leitor, novos olhares e novas perspectivas para o ensino de língua portuguesa.

Nathalia Sathler Sigiliano

Thaís Fernandes Sampaio

APRESENTAÇÃO DO PROJETO

O ensino de Literatura, nos anos finais do Ensino Fundamental vem, há muito tempo, sendo negligenciado e resumido a simples apresentações de fragmentos de textos literários que servem, variadas vezes, apenas como pretexto para estudo da gramática normativa, especialmente nos livros didáticos e apostilas.

Apostando no ensino da Literatura como meio para modificar as práticas do estudo da Língua Portuguesa e do estudo do texto nas salas de aula, foi desenvolvido o projeto que se apresenta aqui.

Segundo Betelheim (2017, p. 11),

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

Levando em consideração o que o autor nos traz acima, o gênero conto de fadas foi escolhido para servir ao propósito de encontrar o caminho para conseguir a atenção das crianças de forma a não só apresentar-lhes um texto para leitura, mas também para fazer com que pensassem no que ele trazia de instigante para suas imaginações, construindo imagens positivas e cheias de esperança, sugerindo-lhes que há solução para os problemas, exemplificando que podem alcançar seus sonhos e metas, mesmo diante de algumas agruras com as quais muitos já convivem desde a mais tenra idade.

Além disso, não cabe mais ao professor apresentar somente fórmulas e regras ao aluno, de quem é exigido raciocínio lógico, autoria e inovação quando precisa resolver problemas ou, no futuro, adentrar no mercado de trabalho.

A leitura e a escrita, hoje, devem ser estimuladas porque constituem instrumentos comunicativos preciosos, capazes de modificar as relações sociais, mudar o modo de pensar e desenvolver cidadania. Elas também aumentam as capacidades de o ser humano se expressar na sociedade porque o pensamento se torna mais organizado e, ainda, o mais importante: permitem que o homem descubra um significado para sua existência.

A intenção desse Caderno Pedagógico é apresentar uma proposta interventiva acompanhada da descrição da aplicação prática em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental II, para alcançar a ampliação do repertório literário através da leitura e produção do gênero conto de fadas.

DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA

Aqui apresento a proposta interventiva que objetiva o estudo de contos de fadas selecionados para o desenvolvimento da leitura e da ampliação do repertório literário de jovens estudantes.

Fazem parte das atividades o estudo dos elementos da narrativa; as características e as funções invariantes dos contos de fadas; o uso dos adjetivos como elementos cruciais na construção dos personagens e na caracterização dos elementos do texto; atividades de estímulo à interpretação e ao desenvolvimento da compreensão das narrativas; o estudo dos verbos *dicendi* e dos verbos no tempo pretérito; além de algumas questões linguísticas necessárias à boa prática do texto escrito. Tudo a fim de promover a proficiência na escrita de textos autorais.

BAIXAR DISSERTAÇÃO

SUMÁRIO

ETAPA I - [pág. 8](#)

1. Objetivos Específicos – [pág. 8](#)
2. Atividades Detalhadas - [pág. 8](#)
3. Realização da etapa 1 e Resultados – [pág. 12](#)

ETAPA 2 - [pág. 13](#)

1. Objetivos Específicos– [pág. 13](#)
2. Atividades Detalhadas - [pág. 13](#)
3. Realização da etapa 2 e Resultados – [pág. 24](#)

ETAPA 3 - [pág. 27](#)

1. Objetivos Específicos– [pág. 27](#)
2. Atividades Detalhadas - [pág. 27](#)
3. Realização da etapa 3 e Resultados – [pág. 32](#)

ETAPA 4 - [pág. 34](#)

1. Objetivos Específicos– [pág. 34](#)
2. Atividades Detalhadas - [pág. 34](#)
3. Realização da etapa 4 e Resultados – [pág. 42](#)

ETAPA 5 - [pág. 44](#)

1. Objetivos Específicos– [pág. 44](#)
2. Atividades Detalhadas - [pág. 44](#)
3. Realização da etapa 5 e Resultados – [pág. 64](#)

ETAPA 6 - [pág. 66](#)

1. Objetivos Específicos– [pág. 66](#)
2. Atividades Detalhadas - [pág. 66](#)
3. Realização da etapa 6 e Resultados – [pág. 79](#)

ETAPA 7 - [pág. 82](#)

1. Objetivos Específicos– [pág. 82](#)
2. Atividades Detalhadas - [pág. 82](#)
3. Realização da etapa 7 e Resultados – [pág. 89](#)

ETAPA 8 - [pág. 90](#)

1. Objetivos Específicos– [pág. 90](#)
2. Atividades Detalhadas - [pág. 90](#)
3. Realização da etapa 8 e Resultados – [pág. 95](#)

CONSIDERAÇÕES FINAIS - [pág. 97](#)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - [pág. 99](#)

ETAPA 1

Objetivos específicos

- Introduzir os contos de fadas mediante a leitura do conto *O Barba Azul*, de Perrault, assim como ilustrações da obra;
- Aplicar questionário diagnóstico para levantar possíveis problemas a serem solucionados;
- Propor produção textual, a fim de coletar dados para preenchimento da tabela diagnóstica.

Ação 1 - Apresentar o livro *O Barba Azul* aos alunos, suas ilustrações e realizar a leitura em voz alta para eles.

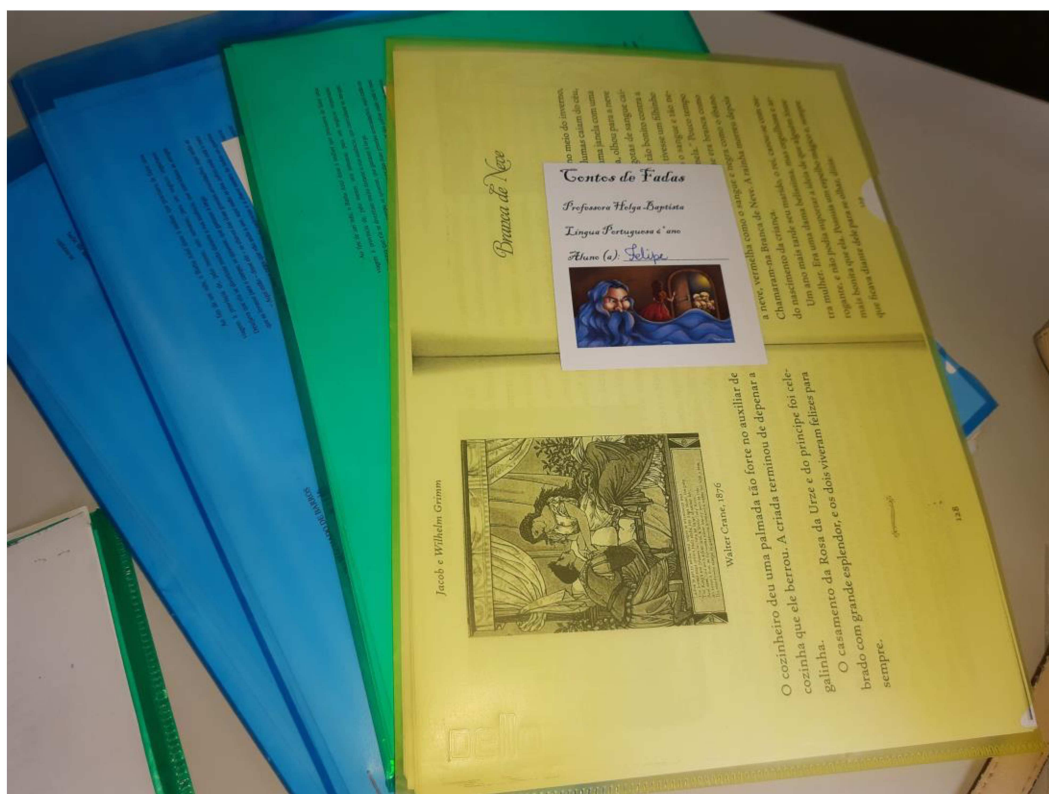
Ação 2 - Apresentar questionário, explicando sua função e a que se destina e pedir que preencham, caso aceitem, e propor o reconto do conto lido para eles, com base apenas na memorização, sem modelagem.

A etapa 1, por ser ferramenta de coleta de dados, foi aplicada em março de 2019. Dos 24 alunos matriculados no 6º ano, estavam presentes 21, sendo que 2 não quiseram realizar a tarefa da produção textual. Após análise do questionário e da produção, foram elaborados gráficos e tabela (conforme capítulo 4 da dissertação) com os dados levantados

Tempo para a realização : 2 aulas

Atividade Detalhada

A etapa 1 foi realizada quando estávamos definindo o escopo da proposta interventiva. Consistiu na leitura do conto *Barba Azul* e na reescrita do conto pelos alunos individualmente, conforme se lembravam do que lhes foi narrado. As redações foram corrigidas e a partir das correções foram levantados dados sobre as dificuldades que os discentes apresentavam tanto quanto aos desvios de ortografia e sintaxe, quanto às falhas na construção do texto coerente, coeso e quanto às falhas dos elementos típicos da narrativa, bem como em sua estrutura.



Pastas com a proposta interventiva

1) Após ouvir o conto **“O Barba Azul”**, de Charles Perrault, reconte a narrativa da forma que melhor lembrar.

1 Babo. Quel era um homem com
trabalho enorme.
Ele queria casar com uma linda menina
e depois ele conseguiu casar com ela.

ele queria ^{talvez} ir ao Brasil para trabalhar com o seu colega da sua empresa.

Então que não poderia atender o telefonete.
 Ela disse ^{disse} a ^{verdade} e ^{querer} que
 usasse o percebo? ^{anula} a parte.
 Então estavam os ^{mas} expressões dele que
 tinham matado, mas não data para
 ser porque a família estava pobre.

Ela sentiu que o cão estava com fome da

Enla ainda deitou a ~~debaixo~~ ^{sujeira} cair no chão e ~~reparou~~ ^{reparou} de raposo. ~~ela~~ ^o ~~Sulam~~ ^{para} ~~quarta~~ e ~~ficou~~ ^{ficou} ~~brava~~ e ~~mas~~ ^{mas} ~~tentando~~ ^{limpar} ~~limpar~~ ^{abrate} ~~abrate~~, ~~mas~~ ^{mas} ~~não~~ ^{não} ~~conseguiu~~ ^{conseguiu} ~~limpar~~ ^{limpar} ~~a~~ ^a ~~abrate~~ ^{abrate}.

il Benta Azul voltou para casa e lhe perguntou:- Cadê a ~~velha~~ do Galimete?

ela entregou e deixou estada com sangue, ela
perguntou o que era aquilo. Ela inoculou ele.

ele falou: - Eu rei o que é isso. Você entra
no galinete. Ela chorando nos pés dele.

Ele falou: - Vou ^{minutos} ~~em~~ F ^{minutos} para trabalhar.

extensão da frase:

Ela ^{está} indo ^a uma ^{das} lojas ^{do} centro de ^{um} bairro.

chegando a, um(a) resposta;

o sol e a lua. Perguntou de novo: ^{Estou vendo} ~~Estou~~ vendo o sol e a lua. A irmã falou: ^{Estou} ~~Estou~~ vendo poeira. / E a Berta Aguiar tentou dizer para ela desistir. Na hora que ele ia explicar a poeira no pé do dela a irmã dela chegou. **FIM**

Não se coloca fim nas redações.

- Palavras fragmentadas.
- Palavras agrupadas.
- Falta de maiúscula.
- Ausência de pontuação.
- Erros de pontuação.
- Uso de maiúsculas inadequado.

Produção de texto da Etapa 1

Realização da etapa 1 e Resultados

Passo 1 – A primeira atividade era de cunho diagnóstico. Foi aplicada para que pudessem ser levantados dados a respeito do que seria necessário desenvolver com a turma, e observar se o gênero textual com que se pretendia trabalhar seria adequado e bem aceito.

Inicialmente, foi exposto aos alunos o tipo de pesquisa e de trabalho que seria desenvolvido pela professora, agora também no papel de pesquisadora, caso eles aceitassem participar da proposta. Todos concordaram e ficaram empolgados em participar de um trabalho que demonstraram julgar importante muitos expuseram alegria e satisfação em fazer parte da pesquisa. Estabelecemos acordos sobre comportamento, presença nas aulas, respeito às opiniões dos colegas e da professora e compromisso na realização das tarefas que viriam a ser propostas.

Passo 2 – O conto de fadas *O Barba Azul* foi lido para eles sem que a cópia houvesse sido distribuída. Pedi a todos que prestassem muita atenção à leitura. As ilustrações foram sendo mostradas, conforme as páginas iam sendo lidas.

Ao final da leitura, foi solicitado aos alunos que reescrevessem a narrativa conforme se lembrassem, porém acrescentando todos os detalhes por eles observados. Foram distribuídas folhas impressas para que fizessem a reescrita.

Passo 3 – As produções foram recolhidas para que eu as analisasse posteriormente. A partir da análise, foram elaboradas uma tabela onde constam os desvios cometidos e conteúdos a serem trabalhados; e a proposta interventiva com os textos escolhidos. As produções originais foram escaneadas e salvas para futuras consultas e entregues aos estudantes com correções e comentários.

Passo 4 – Foram distribuídos questionários diagnósticos para que os alunos preenchessem e fornecessem dados iniciais sobre suas relações com a leitura, com a escrita e com a gramática. Posteriormente, foi distribuído um segundo questionário que objetivou alcançar mais informações sobre leitura e repertório literário dos alunos envolvidos.

RESULTADOS – O que se objetivava nessa etapa foi concretizado com sucesso. Apesar de poucos alunos ausentes, pude inferir as informações que visava a alcançar.

Tempo para realização: 2 aulas geminadas e algumas horas de análise e correção dos textos produzidos.

ETAPA 2

Objetivos específicos

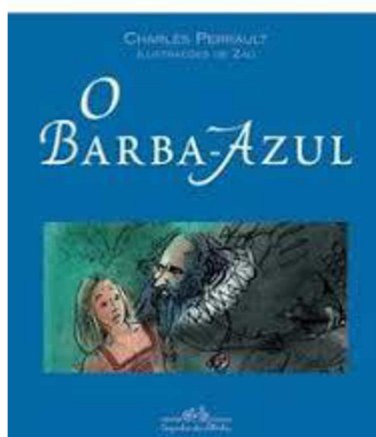
- Realizar atividades de compreensão, interpretação das características do conto de fadas apresentado na etapa anterior;
- Realizar comparação com o conto *De um certo tom azulado*, de Marina Colasanti;
- Realizar discussão sobre respostas dadas;
- Explicar a origem e a evolução dos contos de fadas;
- Apresentar texto do blog *Mãe Perfeita* (crítica à obra *Barba Azul*, de Ruth Rocha) para promover debate sobre empoderamento feminino na sociedade contemporânea.

Ação 1 - Distribuir, explicar e propor a solução das questões elaboradas. Realizar discussão das respostas dadas. Ler em grupo o conto *De um certo tom azulado* e realizar atividades comparativas, a fim de demonstrar exemplos de intertextualidade intergenérica.

Ação 2 - Realizar roda de conversa sobre uma crítica relacionada ao blog *Mãe Perfeita*, que aborda o tema do conto *O Barba Azul* como sendo um texto machista, ofensivo às mulheres.

Tempo para a realização : 4 aulas

Atividade Detalhada



Capa do livro *O Barba Azul*

BARBA AZUL

Era uma vez um homem que tinha bonitas casas na cidade e no campo, baixela de ouro e prata, móveis em talha e carruagens douradas; mas, infelizmente, esse homem tinha a barba azul: isso tornava-o tão feio e terrível que não havia mulher ou menina que não fugisse dele.

Uma das vizinhas, senhora de categoria, tinha duas filhas de grande beleza. Ele pediu-lhe uma das filhas em casamento e deixou a dama escolher a que lhe iria dar. Nenhuma delas o queria e empurravam-no de uma para a outra, sem se resolverem a aceitar um homem de barba azul. O que mais as aborrecia era ele ter já casado com várias mulheres e não se saber o que era feito delas.

O Barba Azul, para travar relações, levou-as com a mãe e três ou quatro das melhores amigas e alguns rapazes da vizinhança para uma das suas casas de campo, onde ficaram oito dias. Eram só passeios, caçadas e pescarias, danças e festins e repastos: não dormiam e passavam a noite toda a gracejar uns com os outros. Enfim, tudo correu tão bem que a mais nova começou a achar que o dono da casa já não tinha a barba tão azul e que era um cavalheiro. Logo que regressaram à cidade, o casamento realizou-se.

Ao fim de um mês, o Barba Azul disse à mulher que precisava fazer uma viagem à província de, pelo menos, seis semanas, para um negócio importante. Desejava que ela se divertisse muito durante a sua ausência, que convidasse as amigas, que as levasse para o campo, se quisesse, que gastasse à larga.

– Aqui estão – disse ele – as chaves das duas grandes arrecadações, aqui estão as da baixela de ouro e prata que não anda a uso, aqui estão as dos cofres onde está o meu ouro e a minha prata, as das caixas de pedrarias e a chave mestra de todos os quartos. Quanto a esta chavinha, é a chave do gabinete no fundo do corredor do andar de baixo. Abri tudo, ide aonde quiserdes, mas, quanto a esse gabinete, estais proibida de lá entrar e proíbo-o de tal forma que, se o abrídes, podeis esperar tudo da minha ira.

Ela prometeu cumprir exatamente tudo o que lhe fora ordenado e ele, depois de a beijar, subiu para a carruagem e partiu.

As vizinhas e as amigas não esperaram que as fossem procurar para irem a casa da recém-casada, de tal forma estavam impacientes para ver as riquezas da casa, não ousando ir enquanto o marido lá estava, por causa da sua barba azul que lhes metia medo. Começaram

logo a percorrer os quartos, os gabinetes, os guarda-roupas, todos mais bonitos e mais ricos uns do que os outros.

Subiram depois às arrecadações onde não se cansavam de admirar a quantidade e a beleza das tapeçarias, das camas, dos sofás, das mesinhas de pé-de-galo, das mesas e dos espelhos onde se viam da cabeça aos pés e cujas molduras, umas de vidro e outras de prata e de prata dourada, eram as mais belas e as mais magníficas que jamais se viram.

Não paravam de exagerar e de invejar a felicidade da amiga que, no entanto, não se divertia nada a ver todas essas riquezas, por causa da impaciência em que estava de ir abrir o gabinete do andar de baixo. Estava tão atormentada pela curiosidade que, sem pensar que parecia mal deixar as visitas, desceu a escadinha com tanta precipitação que esteve prestes a partir a cabeça por duas ou três vezes. Ao chegar à porta do gabinete, parou algum tempo, pensando na proibição que o marido lhe tinha imposto e considerando que lhe podia acontecer um desastre por ter sido desobediente; mas a tentação era tão forte que não conseguiu vencê-la. Pegou, pois, na chavinha e abriu, tremendo, a porta do gabinete.

Primeiro não viu nada, porque as janelas estavam fechadas. Alguns momentos depois, começou a ver que o chão estava coberto de sangue coalhado e que nesse sangue se refletiam os corpos de várias mulheres mortas e amarradas ao longo das paredes (eram mulheres que o Barba Azul tinha desposado e degolado uma após a outra).

Pensou morrer de medo e a chave do gabinete, que tinha acabado de tirar da fechadura, caiu-lhe da mão.

Depois de voltar a si do susto, apanhou a chave, tornou a fechar a porta e subiu ao quarto para se refazer um pouco; mas não podia acalmar-se de tão impressionada que estava.

Ao reparar que a chave do gabinete estava manchada de sangue, limpou-a duas ou três vezes, mas o sangue não saía; bem a lavou e a esfregou com areia e com grés. O sangue continuou lá, porque a chave era enfeitiçada e era impossível limpá-la completamente. Quando se limpava o sangue de um lado, ele aparecia do outro. O Barba Azul voltou da viagem nessa mesma noite. Disse que tinha recebido umas cartas no caminho informando-o de que o negócio que o levava a partir tinha sido concluído em seu proveito.

A mulher tudo fez para demonstrar que estava encantada com o seu rápido regresso.

No dia seguinte, ele pediu-lhe as chaves e ela deu-lhas, com as mãos a tremer tanto que ele adivinhou logo tudo o que se tinha passado.

– Por que é que a chave do gabinete não está com as outras?

– Devo tê-la deixado lá em cima, na mesa.

– Não demoreis a devolver-ma – disse o Barba Azul.

Depois de várias delongas, foi preciso devolver a chave.

O Barba Azul, depois de a examinar, disse à mulher:

– Porque é que há sangue nesta chave?

– Não sei de nada – disse a pobre mulher mais pálida do que a morte.

– Não sabeis de nada – tornou o Barba Azul – mas eu sei muito bem. Quisestes entrar no gabinete. Pois bem, senhora, ides entrar no gabinete e tomar o vosso lugar ao pé das damas que lá vistes!

Ela lançou-se aos pés do marido, chorando e pedindo perdão, com todos os sinais de um verdadeiro arrependimento por não ter sido obediente.

Teria enternecido um rochedo, tão bela e aflita estava, mas o Barba Azul tinha o coração mais duro que um rochedo.

– É preciso morrer, senhora – disse ele – e depressa.

– Já que é preciso morrer – respondeu ela, olhando-o com os olhos banhados em lágrimas – dai-me algum tempo para rezar.

– Dou-vos um quarto de hora – tornou o Barba Azul – mas nem mais um momento. Quando ficou só, ela chamou a irmã e disse-lhe:

– Minha irmã Ana (porque elas tratavam-se assim), sobe, peço-te, ao alto da torre para ver se os meus irmãos não vêm; eles prometeram que viriam ver-me hoje e, se os vires, faz-lhes sinal para se apressarem.

Ana subiu ao alto da torre e a pobre, atormentada, gritava-lhe de vez em quando:

– Ana, minha irmã, não vês vir ninguém? E a irmã Ana respondia:

– Não vejo nada além do sol que se empoeira e da erva que verdeja.

Entretanto, o Barba Azul, segurando um grande facalhão, gritava com todas as forças à mulher:

– Descei depressa ou vou aí acima.

– Um pouco mais, por favor – respondia a mulher, e logo gritava baixinho:

– Ana, minha irmã, não vês vir ninguém?

E a irmã respondia:

-
- Não vejo nada além do sol que se empoeira e da erva que verdeja.
 - Descei depressa – gritava o Barba Azul ou vou aí acima.
 - Um pouco mais, por favor – respondia a mulher, e logo gritava baixinho:
 - Ana, minha irmã, não vês vir ninguém?

E a irmã respondia:

- Não vejo nada além do sol que se empoeira e da erva que verdeja.
- Descei depressa – gritava o Barba Azul ou vou aí acima.
- Já vou – respondia a mulher e, depois, gritava:
- Ana, minha irmã Ana, não vês vir ninguém?
- Vejo – respondeu a irmã Ana – uma poeirada grande que vem deste lado.
- São os meus irmãos?
- Infelizmente não, minha irmã, é um rebanho de carneiros.
- Não ides descer? – gritava o Barba Azul.
- Mais um momento – respondia a mulher e, depois, gritava:
- Ana, minha irmã, não vês vir ninguém?
- Vejo – respondeu ela – dois cavaleiros que vêm deste lado, mas ainda estão longe.

E um momento depois exclamou:

– Deus seja louvado! São os meus irmãos, fiz-lhes sinal, o mais que pude, para se apressarem.

O Barba Azul pôs-se a gritar tão alto que toda a casa estremeceu. A pobre mulher desceu e atirou-se a seus pés, lavada em lágrimas e desgrenhada.

- Não vale de nada – disse o Barba Azul – é preciso morrer.

Depois, segurando-a com uma mão pelos cabelos e levantando com a outra o facalhão, ia decapitá-la.

A pobre mulher, virando para ele um olhar moribundo, pediu-lhe apenas um momento para se recolher.

Nesse momento bateram à porta com tanta força que o Barba Azul parou de repente. Abriram e logo entraram dois cavaleiros que, com a espada na mão, correram para o Barba Azul. Ele reconheceu os irmãos da mulher, um deles Dragão e outro Mosqueteiro, de forma que fugiu para se salvar. Porém os dois irmãos seguiram-no tão de perto que o apanharam antes de ele chegar ao patamar da escada. Espetaram-lhe a espada no corpo e deixaram-no morto.

A pobre mulher estava quase tão morta como o marido e nem forças tinha para se levantar e beijar os irmãos.

Acontece que o Barba Azul não tinha herdeiros e, assim, a mulher ficou senhora de todos os bens. Empregou uma grande parte para casar a sua irmã Ana com um jovem fidalgo, que há muito tempo a amava. Depois, outra parte, para comprar os cargos de capitão aos irmãos. E o resto para casar ela própria com um homem honesto, que a fez esquecer o tempo infeliz que passara com o Barba Azul.

MORAL

A curiosidade, apesar de seus encantos,
Muitas vezes custa sentidos prantos;
É o que vemos todo dia acontecer.
Perdoem-me as mulheres, esse é um frívolo prazer.
Assim que temos ele deixa de o ser
E é sempre muito caro de obter.

OUTRA MORAL

Basta ter um pouco de bom senso,
E ter vivido da vida um bocado,
Pra ver logo que esta história
É coisa de um tempo passado.
Já não existe esposo tão terrível,
Nem que exija o impossível.
Mesmo sendo ciumento, ou zangado,
Junto da mulher ele sorri, calado.
E quer tenha a barba azul, roxa ou amarela,
Quem manda na casa é mesmo sempre ela.

PERRAULT, Charles. *O Barba Azul*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2009.

Responda as questões que seguem.

- 1) Quem são os personagens do conto de fadas apresentado?
- 2) Com base no que o texto apresenta ao leitor, há um tempo específico em que esta narrativa poderia ter ocorrido? Explique.
- 3) Quem é o narrador do conto? Sua identidade é revelada ao leitor?
- 4) Quanto às ações dos personagens, elas são as que o leitor espera? Há alguma ação que o tenha surpreendido durante a leitura?
- 5) Como você descreveria um homem com características físicas e psicológicas como Barba Azul?
- 6) E como descreveria uma mulher com características físicas e psicológicas como a esposa de Barba Azul?
- 7) Qual é a provável causa dos assassinatos das esposas anteriores do personagem?
- 8) Levante hipóteses: Por que Barba Azul deixou a chave do quarto proibido com sua esposa?

Agora vamos ler, juntos, o miniconto da escritora Marina Colasanti.

DE UM CERTO TOM AZULADO

Casou-se com o viúvo de espessa barba, embora sabendo que antes três esposas haviam morrido. E com ele subiu em dorso de mula até o sombrio castelo.

Poucos dias haviam passado, quando ele a avisou de que num cômodo jamais deveria entrar. Era o décimo quinto quarto do corredor esquerdo, no terceiro andar. A chave, mostrou, estava junto com as outras no grande molho. E a ela seria entregue, tão certo estava de que sua virtude não lhe permitiria transgredir a ordem.

E não permitiu, na semana toda em que o marido ficou no castelo. Mas chegando a oportunidade da primeira viagem, despediu-se ela acenando com a mão, enquanto com a outra apalpava no bolso a chave proibida. Só esperou ver o marido afastar-se caminho abaixo. Então, rápida, subiu as escadas do primeiro, do segundo, do terceiro andar, avançou pelo corredor, e ofegante parou frente à décima quinta porta.

Batia seu coração, inundando a cabeça de zumbidos. Tremia a mão hesitante empunhando a chave. Nenhum som vinha além da pesada porta de carvalho. Apenas uma fresta de luz escorria junto ao chão.

Devagar botou a chave na fechadura. Devagar rodou, ouvindo o estalar de molas e linguetas. E empurrando lentamente, bem lentamente, entrou.

No grande quarto, sentadas ao redor da mesa, as três esposas esperavam. Só faltava ela para completar o jogo de buraco.

COLASANTI, Marina. Contos de amor rasgados. Rio de Janeiro: Rocco, 1986

Responda as questões que seguem.

- 1) Reescreva o último parágrafo dando outro final para o conto, de acordo com sua expectativa ao ler o início do conto.
- 2) Por que sua expectativa era diferente do final que a autora deu ao miniconto?
- 3) Em sua opinião, por que a autora, Marina Colasanti, escolheu este final para o miniconto? Que impressão o final causa ao leitor?
- 4) Comparando os dois contos lidos, quais as principais características das mulheres protagonistas?
 - A) subserviência e insegurança.
 - B) lealdade e medo.
 - C) sensibilidade e submissão.
 - D) cinismo e perspicácia.
 - E) curiosidade e teimosia.
- 5) Que elementos do miniconto De um certo tom azulado fazem referências a Barba Azul?
- 6) Por que é possível afirmar que o miniconto realiza uma paródia do conto de fadas Barba Azul?

Quando pesquisamos sobre contos de fadas é comum encontrarmos muitas versões de diversos autores que modificam essas narrativas, adaptando-as a situações que lhes convém ou colocando-as mais próximas da nossa realidade. Mas também encontramos trabalhos de pesquisadores que tratam desses contos e, ainda, críticas e comentários sobre essas histórias.

Vamos ler agora uma dessas críticas que foi publicada em um blog. Depois iremos discutir o tema da crítica, por isso fique atento!

BARBA AZUL E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Meu filho de 10 anos chegou para mim indignado:

- Peguei na biblioteca esse livro da Ruth Rocha e detestei!
- Que livro?
- Barba Azul.
- É um conto de fadas muito antigo.
- Antigo e horroroso!

Barba Azul é bem menos conhecido que Branca de Neve e Cinderela (que também têm seus requintes de crueldade). Para quem não leu, é a história de um nobre que se casa muitas vezes, e ninguém sabe o paradeiro das esposas. Ao se casar com a oitava, dá a ela as chaves de todos os aposentos do palácio, alertando-a apenas de um, no qual não deveria entrar jamais. Ela (obviamente) entra e encontra os corpos das esposas assassinadas. Ao ver seu segredo revelado, Barba Azul diz que ela terá o mesmo destino das demais, por ter traído sua confiança. Entretanto, os irmãos da moça chegam e conseguem impedi-lo, matando-o.

Eu li Barba Azul quando tinha a idade do meu filho. O curioso é que não me impressionou tanto. Em parte, penso que o fato de ter escolhido um livro da Ruth Rocha criou nele a expectativa de algo mais leve e divertido; daí a sua indignação. Mas resolvi ir mais a fundo e provoquei:

- Ué, você joga esses videogames do Lego, e se impressionou com Barba Azul?
- Totalmente diferente, mãe! Aquilo é só um jogo.
- Quando o Batman derrota o inimigo, o boneco explode, e sai cabeça, perna, braço de Lego para todo lado!

– O Lego é de brinquedo.

– E aquele game de luta? Aquele também é horrível.

– Luta é um esporte, e os lutadores têm a mesma força. As mulheres do Barba Azul não tinham como se defender.

(continuando a provocação) – Mas elas não mereceram? Elas foram desobedientes, ele tinha pedido para elas não entrarem naquela sala.

– Mas isso não é motivo para matar ninguém, mãe!

– Os irmãos da moça também mataram o Barba Azul.

Aí minha filha, que estava prestando atenção à conversa toda, disse:

– Mas ele é do Mal, mãe.

Eu reli Barba Azul quando estava grávida dela, em um contexto bem diferente: na análise formidável de Clarissa Pinkola Estés, no livro *Mulheres que correm com os lobos*. A autora associa cada personagem da história, e detalhes como a chave, aos elementos da psique feminina, tomando por base a teoria dos arquétipos de Jung. E mostra a importância de aniquilarmos, dentro de nós, o monstro mental que nos impede de sermos curiosas, criativas e termos acesso às NOSSAS VERDADES.

De aniquilarmos essa força que “é do Mal”.

Talvez, quando eu era criança, vivesse em uma sociedade em que a agressão às mulheres era “cultural”. Em que ler Barba Azul não despertava indignação. Em que as pessoas estavam “acostumadas” a ver, sem questionar, anúncios publicitários como estes (traduções livres):



É bom ter uma esposa por perto.



Se seu marido descobrir que você não está escolhendo o café mais fresco.

mulher. Sendo assim, vocês acham que o Barba Azul estaria cometendo o crime de feminicídio caso a tivesse matado?

- Vamos levantar algumas hipóteses:

Por que a mulher é vítima de tantos tipos de crimes (estupros, agressões físicas, verbais e psicológicas, assédio, assassinato) por seu gênero?

- Vamos escrever um resumo coletivo sobre as conclusões a que chegamos nessa roda de conversa.



Alunos do sexto ano com as pastas contendo atividades propostas.

Realização da etapa 2 e Resultados

Passo 1 – Distribuí as fotocópias do conto de fadas *O Barba Azul*, de Charles Perrault, juntamente com questões sobre o conto, e realizamos, em conjunto, a leitura. Foram dados 40 minutos para que os estudantes respondessem às perguntas, sendo que puderam discutir entre si sobre eventuais dúvidas.

Passo 2 – Realizamos discussão oral sobre as respostas obtidas por eles. Cada aluno foi anotando o que achou pertinente acrescentar às suas respostas dadas. Nada do que foi aferido pelos estudantes foi considerado errado ou certo, apenas houve direcionamento das

possíveis respostas a serem encontradas, despertando, assim, o protagonismo do aluno e respeito por suas opiniões e sua imaginação, para que levantasse hipóteses.

Passo 3 – Apresentei (em fotocópias) o miniconto *De um certo tom azulado*, de Marina Colassanti, realizamos a leitura em grupos previamente escolhidos por mim, para que proporcionasse o entrosamento dos alunos, especialmente mesclando os que eram mais participativos com os que eram menos participativos. Quando todos sinalizaram que haviam lido, passamos a discutir as semelhanças e diferenças presentes nos dois textos lidos: *O Barba Azul* x *De um certo tom azulado*. Os alunos perceberam que havia semelhanças muito grandes nas duas narrativas, porém cada uma tinha suas peculiaridades. Finais diferentes, cenários diferentes e personagens com outras intenções. A moral de que pode ser percebida em cada uma das histórias também foi notada por eles como muito diferente. Discutimos a questão do tempo em que as narrativas foram produzidas e em que isso influenciou para que uma fosse mais “moderna” que a outra. Aproveitei para falar sobre seus autores e os contextos históricos em que os dois se encontravam ao produzir esses contos. Charles Perrault como coletor de contos orais conhecidos de sua época e Marina Colassanti fazendo uma paródia moderna do mesmo conto de fadas, trazendo para os dias atuais uma versão mais adequada ao seu tempo. Portanto, realizamos comparação intergenérica, já que um texto é um conto de fadas e o outro um miniconto contemporâneo.

Passo 4 – Os alunos responderam questões sobre compreensão do texto *De um certo tom azulado*.

Passo 5 – Partimos para a leitura de uma crônica publicada originalmente em um blog denominado Mãe Perfeita. O blog traz uma discussão da mãe com seus filhos sobre o conto de fadas *O Barba Azul*. Seus filhos diziam não terem gostado do conto por ser machista e ofensivo às mulheres. A partir das considerações dos filhos, a mãe escreve sobre suas experiências de leitura e de vivência e traz exemplos de figuras que eram propagandas machistas publicadas nos anos 1960.

Organizei a turma em forma de roda e, oralmente, conversamos sobre as questões que eu havia selecionado para mediar a discussão. Os alunos puderam expor suas opiniões um a um, com um minuto para cada fala. Eles pediam a fala, levantando a mão e aguardavam sua vez. Eu, como professora, fiz o papel de mediadora, controlando o tempo e os ânimos quando se exaltavam.

Também guiei as discussões de acordo com cada questão proposta, as quais eu ia lendo e cada um respondia ou se colocava contra ou a favor dos colegas que já haviam se manifestado.

RESULTADOS: A discussão correu de forma ordeira, apesar de algumas vezes ter tido que haver intervenção minha para que falassem no tom adequado e tivessem calma para esperar sua vez de falar. Muitos, especialmente, as meninas, se irritaram com as respostas dos meninos e queriam se colocar de forma um pouco agressiva. Não foi uma tarefa fácil, mas funcionou dentro do que objetivava discutir: a permanência do machismo na sociedade contemporânea, apesar dos avanços comparados a 1960, por exemplo.

A questão do feminicídio presente nos dias atuais também foi levantada e, nesse momento, surgiram muitos exemplos de mortes e agressões dentro da comunidade em que os alunos estão inseridos. Precisei controlar essa parte da discussão, pois muitos relatavam casos acontecidos em suas próprias casas e expunham suas mães, avós, pais, padrastos a certos julgamentos dos colegas que não eram pertinentes no momento da aula. Pedi que não usassem nomes e não falassem em primeira pessoa. Alguns alunos se emocionaram e precisaram sair da sala por um tempo para se acalmarem. A discussão não foi alongada por conta dessa exaltação das emoções.

Quando escolhi este texto e levei-o para discussão em sala não previ que fosse repercutir desse modo. Portanto, sugiro que ao realizar essa atividade em sala, o professor esteja preparado para mediar e controlar as falas que possam surgir. Vale observar se a comunidade em que os alunos estão inseridos apresenta esse tipo de prática nas casas deles ou na vizinhança.

Tempo para realização: Apesar de ter previsto utilizar 4 aulas, foram necessárias 6 aulas, sendo 2 aulas geminadas em um dia, mais 2 geminadas em outro dia da semana e 2 separadas em dois tempos de 50 minutos em dias distintos.

ETAPA 3

Objetivos específicos

- Realizar a leitura do conto Branca de Neve e os sete anões;
- Exibir versão fílmica de Branca de Neve e o Caçador;
- Explicar as invariantes que compõem o gênero conto de fadas;
- Comparar as duas versões apresentadas de Branca de Neve, a fim de que o aluno consiga mapear as invariantes de cada uma das versões.

Ação 1 - Apresentar quais são as funções invariantes neste gênero, citar exemplo através de tabela preenchida com as invariantes do conto *O Barba Azul*.

Ação 2 - Realizar a leitura pausada, dando espaço para comentários, de uma versão do conto *Branca de Neve e os sete anões*, dos Irmãos Grimm. Em seguida, exibir o filme *Branca de Neve e o caçador*, do diretor Rupert Sanders, de 2012. Distribuir duas tabelas com as variantes e espaços em branco para serem preenchidos pelos alunos, completando comparativamente as invariantes da versão lida e da versão fílmica do conto de fadas.

Tempo para a realização : 5 aulas

Atividade Detalhada

Quando falamos em contos de fadas, estamos tratando de um gênero textual do tipo narrativo. Todo gênero possui características próprias que nos permitem reconhecer a qual tipo de texto ele pertence.

Por exemplo, quando vemos um boleto de pagamento, nós o identificamos quase que de imediato; isto acontece porque esta espécie de texto apresenta sempre o mesmo formato, ou seja, características quase iguais, como o código de barras, o nome do pagador, o nome do credor, o valor, o banco que irá receber, a data de vencimento, informações sobre juros e multas em caso de atraso. O mesmo acontece com os contos de fadas, eles possuem partes que não podem faltar. Vamos conhecê-las.

Veja o exemplo abaixo, a partir do texto que já lemos, *O Barba Azul*.

Funções invariantes	Definição	Exemplo
Uma situação de crise ou mudança:	Todo conto tem como motivo desencadeante uma situação de desequilíbrio da normalidade, a qual se transforma em desafio para o herói.	A moça vira adulta e é pedida em casamento por Barba Azul.
Aspiração, desígnio ou obediência:	O desafio é aceito pelo herói como ideal, aspiração ou desígnio a ser alcançado.	Uma moça bela e jovem decide casar-se com Barba Azul, apesar de sua feiura e sua estranheza.
Viagem:	O herói empreende uma viagem ou se desloca para um lugar estranho, não familiar.	Ela se muda para a mansão do marido.
Desafio ou obstáculo:	Há sempre um desafio à realização pretendida, ou surgem obstáculos aparentemente insuperáveis que se opõem à ação do herói.	Ela deve obedecer ao marido sem abrir a porta do quarto proibido, mas não consegue e a chave fica manchada de sangue, denunciando sua curiosidade.
Mediação:	Surge sempre um auxiliar mágico, natural ou sobrenatural, que afasta, neutraliza os perigos e ajuda o herói a vencer.	Seus irmãos surgem para salvá-la no último minuto.
Conquista:	Finalmente o herói vence ou conquista o objetivo almejado.	O marido morre e ela fica com toda a sua fortuna, casa-se com alguém diferente dele.

Agora que vocês já sabem identificar as funções invariantes do conto de fadas, vamos ler o conto Branca de Neve, dos Irmãos Grimm e assistir ao filme Branca de Neve e o Caçador, do diretor Rupert Sanders. Depois vocês irão preencher duas tabelas a fim de compararmos quais são as funções invariantes nas duas versões conhecidas.

Branca de Neve e os Sete Anões – texto em xerox à parte.

Preencha o quadro abaixo após a leitura do conto.

Funções invariantes	Definição	Branca de Neve e os Sete Anões
Uma situação de crise ou mudança:	Todo conto tem como motivo desencadeante uma situação de desequilíbrio da normalidade, a qual se transforma em desafio para o herói.	
Aspiração, desígnio ou obediência:	O desafio é aceito pelo herói como ideal, aspiração ou desígnio a ser alcançado.	
Viagem:	O herói empreende uma viagem ou se desloca para um lugar estranho, não familiar.	
Desafio ou obstáculo:	Há sempre um desafio à realização pretendida, ou surgem obstáculos aparentemente insuperáveis que se opõem à ação do herói.	
Mediação:	Surge sempre um auxiliar mágico, natural ou sobrenatural, que afasta, neutraliza os perigos e ajuda o herói a vencer.	
Conquista:	Finalmente o herói vence ou conquista o objetivo almejado.	

Exibição do filme Branca de Neve e o caçador.

Preencha o quadro abaixo após assistir ao filme.

Funções invariantes	Definição	Branca de Neve e o Caçador
Uma situação de crise ou mudança:	Todo conto tem como motivo desencadeante uma situação de desequilíbrio da normalidade, a qual se transforma em desafio para o herói.	
Aspiração, desígnio ou obediência:	O desafio é aceito pelo herói como ideal, aspiração ou desígnio a ser alcançado.	
Viagem:	O herói empreende uma viagem ou se desloca para um lugar estranho, não familiar.	
Desafio ou obstáculo:	Há sempre um desafio à realização pretendida, ou surgem obstáculos aparentemente insuperáveis que se opõem à ação do herói.	
Mediação:	Surge sempre um auxiliar mágico, natural ou sobrenatural, que afasta, neutraliza os perigos e ajuda o herói a vencer.	
Conquista:	Finalmente o herói vence ou conquista o objetivo almejado.	

Agora que já preencheram os quadros, a que conclusões podemos chegar quanto às características típicas dos contos de fadas?

Vamos produzir um texto coletivo com nossa conclusão.



Alunos do 6º ano assistindo ao filme *Branca de Neve e o Caçador*.



Alunos do 6º ano assistindo ao filme *Branca de Neve e o Caçador*.

Realização da etapa 3 e Resultados

Passo 1 – Apresentei quadro modelar (em fotocópia) com funções invariantes presentes nos contos de fadas, com base no que ensina Nelly Novaes Coelho (2000). O quadro modelar foi preenchido com invariantes do conto de fadas, já conhecido pelos alunos, *O Barba Azul*.

Expliquei o que são invariantes de um conto de fadas.

Passo 2 – Realizamos a leitura do conto de fadas *Branca de Neve e os sete anões*, dos Irmãos Grimm. Em seguida, realizamos a audiência do filme *Branca de Neve e o Caçador*, do diretor Rupert Sanders.

Passo 3 – Distribuí cópias de dois quadros de invariantes em branco para que os estudantes pudessem preenchê-los com as invariantes do conto lido e da versão fílmica. Eles tiveram que comparar os dois quadros depois de preenchidos e observar as diferenças entre versões de um mesmo conto de fadas.

Passo 4 – Os alunos tiveram 30 minutos para apresentar como haviam preenchido o quadro e quais as diferenças entre os dois. Enquanto cada um falava suas “respostas”, os outros iam dando suas opiniões até que chegaram a um consenso e puderam, eles mesmos, elaborar corretamente suas respostas sem muita interferência minha na atividade.

RESULTADOS: A etapa foi considerada divertida pelos discentes porque houve sessão de cinema, do que eles, geralmente, já gostam. Além disso, quando foram preencher os quadros, estabeleceram um tipo de disputa para ver quem conseguia preencher de forma mais adequada e mais rapidamente.

Outro aspecto que vale ser comentado é que muitos disseram já ter assistido ao filme que foi exibido, porém não haviam reparado nos detalhes e não haviam comparado com a versão conhecida de *A Branca de Neve e os sete anões*. Fizeram muitos comentários sobre a aparência dos personagens, sobre suas atitudes diferentes no filme e no texto. Ficaram particularmente impressionados com a personagem Branca de Neve, que era uma guerreira, lutadora no filme, ao contrário da Branca de Neve frágil e dependente de proteção do texto. A partir da discussão que se estabeleceu na hora do preenchimento do quadro, também associaram outros filmes (animações ou não) às suas versões escritas. Citaram Chapeuzinho Vermelho e Deu a louca na Chapeuzinho; Aladim e a lâmpada maravilhosa e o filme dos estúdios Disney Aladim, entre outros exemplos.

Tempo para realização: Conforme previsto, foram utilizadas 5 aulas, sendo 2 aulas geminadas em dois dias diferentes e um terceiro dia com 1 aula apenas.

ETAPA 4

Objetivos específicos

- Estudo do conto de fadas *A Madrasta*, de Monteiro Lobato;
- Realizar atividades de interpretação e compreensão;
- Apresentar elementos que compõem a narrativa.

Ação 1 - Realizar a leitura de *A Madrasta*, de Monteiro Lobato. Os alunos deverão ser capazes de identificar os elementos da narrativa no texto lido.

Ação 2 - Aplicar questionário de atividades interpretativas e de compreensão.

Tempo para a realização : 3 aulas

Atividade Detalhada

A MADRASTA

Havia um viúvo com três filhas. Um dia resolveu casar-se de novo — e casou com uma mulher muito má, que tinha ódio às meninas. Fazia-as trabalhar como verdadeiras escravas.

No quintal havia uma grande figueira. Quando chegou o tempo dos figos, a madrasta botou as meninas lá tomando conta para que os passarinhos não bicassem os figos.

As três coitadinhas passavam debaixo da figueira o dia todo, dizendo aos sanhaços que se aproximavam:

Xô, xô, passarinho,

aí não toques o biquinho.

Vai-te embora pro teu ninho...

Mas mesmo assim aparecia um ou outro figo bicado e a madrasta batia nas três.

Um dia em que o homem fez uma longa viagem a madrasta aproveitou-se para mandar enterrar vivas as coitadinhas. Quando o homem voltou e indagou das filhas, a peste respondeu que haviam caído doentes e morrido, apesar de todos os remédios. O pobre pai ficou muito triste.

Mas aconteceu que no lugar onde as meninas tinham sido enterradas brotou logo um lindo capinzal — dos cabelos delas, e quando batia o vento o capinzal murmurava:

Xô, xô, passarinho,

aí não toques o biquinho.

Vai-te embora pro teu ninho...

Um negro, tratador dos animais da casa, andando a cortar capim, ouviu aqueles murmúrios e teve medo de mexer nas pontinhas. Foi contar o caso ao patrão.

O patrão não quis acreditar, e disse-lhe que cortasse o capim com murmúrio e tudo. O negro obedeceu. Mas quando levantou a foice, ouviu novamente a misteriosa voz, que dizia:

Capineiro de meu pai,

não me cortes os cabelos;

minha mãe me penteava,

minha madraستا me enterrou

pelo figo da figueira

que o passarinho bicou.

O negro foi correndo contar o caso ao patrão, com um grande susto na cara. E tanto fez que o obrigou a chegar até lá. E então o pai das meninas ouviu o lamento das filhas enterradas.

Mandou buscar uma enxada e cavar, e retirou-as da terra, vivas por milagre de Nossa Senhora, que era madrinha das três.

Quando voltaram para casa, na maior alegria deram com a madraستا estrebuchando. Um castigo do céu tinha caído sobre a peste.

— Bom — disse Emília — esta história já está bem mais aceitável. Tem sua originalidade e explica tudo. Desde que houve milagre, era natural que as enterradinhas vivas não morressem. Milagres não se discutem.

— E há ainda um traço delicado — disse dona Benta — esse das cabeleiras das meninas que viraram capinzal murmurejante ao vento. Aparece também a figura da madraستا, que é muito comum nas histórias populares. Toda madraستا tem que ser má. O povo não admite a possibilidade de madraستا boa.

— E não há — disse Narizinho. — As que eu conheço, como a madrasta da Quinota e a da Maricoquinha, não chegam a ponto de enterrar crianças vivas — mas boas não são.

— E a do Zeferininho da Estiva, que dava na cabeça dele com a colher de pau? — acrescentou Pedrinho.

— Sim — disse dona Benta. — Talvez a regra seja a madrasta má, embora as haja excelentes. Sei dois casos de madrastas boníssimas, quase como mães. Tudo depende da criatura, e não do ato de ser mãe ou madrasta. Há mães tão perversas como as piores madrastas.

— Mas o povo assentou que as madrastas não prestam e não prestam mesmo — concluiu Emília. O coitado do povo sofre tanto que há de saber alguma coisa. Esse ponto da madrasta má o povo sabe. São más como caninanas — embora haja alguma degenerada que seja boa. Madrasta boa não é madrasta. Para ser madrasta, tem que ser uma bisca das completas. Eu, se pilhar alguma por aqui, furo-lhe os olhos.

LOBATO, Monteiro. Histórias de Tia Nastácia. SP: Brasiliense, 1995.

SISTEMATIZANDO O CONTO DE FADAS

Os contos de fadas foram originados em tempos muito antigos, e eram contados de geração em geração para passar conhecimentos. Depois, na Idade Média e com o surgimento da imprensa, foram registrados em livros, e assim se disseminaram por todo o mundo.

Os **contos de fadas** são narrativas cuja história se reproduz a partir de um motivo principal e transmite conhecimento e valores culturais de geração para geração, transmitida oralmente e onde o herói ou heroína tem de enfrentar grandes obstáculos antes de triunfar contra o mal. A convivência e rivalidade de gerações, as etapas da vida (nascimento, amadurecimento, velhice e morte), bem como sentimentos que fazem parte de cada um (amor, ódio, inveja e amizade) são apresentados para oferecer uma explicação do mundo que nos rodeia e nos permite criar formas de lidar com isso.

Apesar do nome, animais falantes são muito mais comuns do que as fadas propriamente ditas. A palavra portuguesa "fada" vem do latim *fatum* (destino, fatalidade, fado). O termo se reflete nos idiomas das principais nações européias: *conte de fées* na França, *fairy*

tale na Inglaterra, *cuento de hadas* na Espanha e *racconto di fata* na Itália. No Brasil e Portugal, os contos de fadas, na forma como são hoje conhecidos, surgiram no fim do século XIX sob o nome de contos da carochinha. Esta denominação foi substituída por “contos de fadas” no século XX.

Porém, se engana quem imagina que os contos de fada sempre foram como nós conhecemos: uma história de amor entre um príncipe e uma princesa. Nos tempos antigos, as histórias eram mais realistas e muito violentas, resultado da forma com que viviam nossos ancestrais. No entanto, autores como Charles Perrault, Hans Christian Andersen e os Irmãos Grimm adaptaram e suavizaram as histórias para que elas ficassem adequadas ao universo infantil.

Características dos contos de fadas:

- Fazem uso de magia, metamorfose ou encantamentos;
- Seu núcleo problemático é existencial (o herói busca a realização pessoal);
- Os obstáculos ou provas constituem-se num verdadeiro ritual de iniciação.

ELEMENTOS DA NARRATIVA

Depois de conhecer essa estrutura, é importante entender quais são os elementos que não podem faltar em uma narrativa.

Enredo: é um elemento fundamental para a narrativa. Trata-se do conjunto de fatos que acontecem, ligados entre si, e que contam as ações dos personagens. Ele é dividido em algumas partes:

Situação inicial: o autor apresenta os personagens e mostra o tempo e o espaço em que estão inseridos, geralmente logo na introdução;

Estabelecimento de um conflito: um acontecimento é responsável por modificar a situação inicial dos personagens, exigindo algum tipo de ação;

Desenvolvimento: ao longo desta seção, o autor conta o que os personagens fizeram para tentar solucionar o conflito;

Clímax: depois de diversas ações dos personagens, a narrativa é levada a um ponto de

alta tensão ou emoção, uma espécie de “encruzilhada literária” que exige uma decisão ou desfecho;

Desfecho: é a parte da narrativa que mostra a solução para o conflito.

Espaço: é o **lugar em que a narrativa acontece**. Ele é importante não só para situar o leitor quanto ao local, mas principalmente porque contribui para a elaboração dos personagens.

Afinal, o espaço onde as pessoas (mesmo que fictícias) vivem interfere na sua aparência, vestimenta, costumes, oportunidades, atividades e até mesmo sua personalidade.

Tempo: diz respeito ao desencadear das ações, e **pode ser dividido em:**

Cronológico

Está relacionado à **passagem das horas, dos dias, meses, anos** etc.

Psicológico

Está relacionado às **lembranças da personagem** e aos sentimentos vivenciados por ela.

Assim como espaço, ele é muito importante para definir características das personagens, principalmente as psicológicas. Afinal, pessoas que vivem em épocas diferentes costumam ter visões de mundo, atitudes, pensamentos e situações também diferentes.

Ação: envolve tudo que as personagens fazem na narrativa. Inclui **não só os movimentos**, mas também aquilo que **falam e pensam no decorrer da história**.

Tipos de narrador

Sempre que existe uma narrativa, **a história é contada por alguém**. Esse é o papel do narrador. Ele pode relatar os fatos a partir de perspectivas diferentes, o que pode transformá-lo em um personagem, um observador ou um ser onisciente. Entenda as diferenças:

Narrador personagem: o narrador participa da história, e por isso o texto é escrito em primeira pessoa do singular ou plural (eu, nós).

Narrador observador: também existe a possibilidade de o narrador **não participar da história**. Ele observa a situação de fora, o que faz o texto ser escrito em terceira pessoa (ele, ela, eles, elas).

Narrador onisciente: é aquele que sabe de todos os fatos, mesmo que não participe da história. Sua compreensão costuma ir além dos acontecimentos. Ele **consegue narrar até mesmo os pensamentos e sentimentos dos personagens**, como se tivesse um conhecimento sobrenatural.

Pelo fato de esse narrador conhecer muito os personagens, bem como seus pensamentos, sentimentos, ideias, atitudes, etc., ele pode opinar sobre tais comportamentos ao longo da narrativa.

Tipos de personagens

Finalmente, vamos falar das estrelas da narrativa: os personagens. São os seres reais ou fictícios que participam da história. Como a Literatura é criativa, pode ser uma pessoa, um animal, um ser mitológico ou fantástico, um objeto personificado ou até mesmo um sentimento.

Os personagens **podem ser divididos entre:**

Protagonistas: são destaques da narrativa, ocupam o lugar principal da história;

Antagonistas: são os adversários dos protagonistas, aqueles que vão criar ou alimentar o conflito, dificultando a vida dos principais; e

Secundários: são personagens menos importantes na história, mas que de alguma forma contribuem para a sequência de fatos do enredo.

Trabalhando os elementos da narrativa e a compreensão do texto.

1) Responda:

a) Sobre o conto lido:

Autor:

Ano de publicação:

Nome da obra:

Nome do conto:

b) Qual o tempo da narrativa?

c) Qual o espaço da narrativa?

d) Qual é a situação inicial da narrativa?

e) Retire do texto o trecho que compõe o clímax da história.

f) Quem são os personagens principais?

-
- g) Quem são os personagens antagonistas?
- h) Que ações são essenciais para os acontecimentos do conto se darem até o desfecho?
Resuma.
- i) Como é possível que o desfecho seja o que foi narrado? O que aconteceu para que o final fosse o que foi lido?
- j) Quem poderia ser chamada de "fada madrinha" no conto?
- k) Qual é o acontecimento mágico que torna esse conto um conto de fadas?
- l) Quem é o(a) narrador(a) do conto? Qual o tipo de narrador?
- m) Quem está ouvindo a narrativa?
- n) Onde os ouvintes, provavelmente, estão?
- o) Você conhece os ouvintes da narrativa de alguma outra história? Se sim, de onde?
- p) Por que Emília, a boneca de pano que tem vida, dá opiniões sobre o que ouve?
- q) A história que é contada às crianças está sendo narrada no passado ou no presente? Como você percebeu isso? Dê um exemplo com trechos do texto.
- r) O que acontece neste conto de fadas é algo possível, verdadeiro? Justifique seu posicionamento.
- s) Você conhece alguém ou tem um parente ou amigo que conte casos assim como o narrador da história? Você gosta de ouvir histórias como fábulas, contos de fadas, contos de terror? Comente.
- t) No espaço abaixo, ilustre, ao seu gosto, uma cena que represente o conto lido.



109

Agora que já preencheram as tabelas, a que conclusões podemos chegar quanto às características típicas dos contos de fadas?

Vamos produzir um texto coletivo com nossa conclusão.

ETAPA 4

Sean - 6^oE

A MADRASTA

Havia um viúvo com três filhas. Um dia ele deixou-se de novo — e casou com uma mulher muito má, que tinha ódio às meninas. Fazia-as trabalhar como verdadeiras escravas.

No quintal havia uma grande figueira. Quando chegou o tempo dos figos, a madrastra bótu as meninas lá tomando conta para que os passarinhos não bicassem os figos.

As três cotidinhas passavam debaixo da figueira o dia todo, buscando aos sanhaços que se aproximavam:

Xô, xô, passarinho,
ai não toques o biquinho.
Vai-te embora pro teu ninho...

Mas mesmo assim aparecia um ou outro figo bicado e a madrastra batia nas três.

Um dia em que o homem fez uma longa viagem a madrastra aproveitou-se para mandar enterrar vivas as cotidinhas. Quando o homem voltou chegou as filhas, a peste estava que haviam caído doentes e morrido, apesar de todos os remédios. O pobre pai ficou muito triste.

Mas aconteceu que no lugar onde as meninas tinham sido enterradas brotou logo um lindo capinzal — dos cabelos delas, e quando batu o vento o capinzal murmurava:

Xô, xô, passarinho,
ai não toques o biquinho.
Vai-te embora pro teu ninho...

Um negro, tratador dos animais da casa, andando a cortar capim, ouviu aqueles murmúrios e teve medo de mexer nas pontinhas. Foi contando o caso ao patrão.

110

O patrão não quis acreditar, e disse que cortasse o capim com murmúrio e tudo. O negro obedeceu. Mas quando levantou a foice, ouviu novamente a misteriosa voz, que disse:

Capineiro de meu pai,
não me cortes os cabelos;
minha mãe me penteava,
minha madrastra me enterrou;
pelo figo da figueira
que o passarinho bicou.

O negro foi correndo contando o caso ao patrão, com um grande susto na cara. E tanto fez que o obrigou a chegar até lá. E então o pai das meninas ouviu o lamento das filhas enterradas.

Mandou buscar uma enxada e cavar, e retirou-as da terra, vivas por milagre de Nossa Senhora, que era madrinha das três.

Quando voltaram para casa, na maior alegria deram com a madrastra estrebuchando. Um castigo do céu tinha caído sobre a peste.

— Bom — disse Emilia — esta história já está bem mais aceitável. Tem sua originalidade e aproveita tudo. Desde que houve milagre, era natural que as enterradinhas vivas não morressem. Milagres não se dividem.

— E há ainda um traço delicado — disse dona Benta — esse das cabeleiras das meninas que viraram capinzal murmurante ao vento. Aparece também a figura da madrastra, que é muito comum nas histórias populares. Toda madrastra tem que ser má. O povo não admite a possibilidade de madrastra boa.

— E não há — disse Narzinho. — As que eu conheço, como a madrastra da Quimota e a da Maricoquinha, não chegam a ponto de enterrar crianças vivas — mas boas não são.

— E a do Zeferininho da Estiva, que dava na cabeça dele com a colher de pau? — interrompe Pedrinho.

— Sim — disse dona Benta. — Talvez a regra seja a madrastra má, embora as haja excelentes. Sei dois casos de madrastras bonzinhas, quase como mães. Tudo depende da criança, e não do ato de ser mãe ou madrastra. Há mães tão perversas como as piores madrastras.

— Mas o povo quer que as madrastras não prestam e não prestam mesmo — conclui Emilia. O coládo do povo sofre tanto que há de saber alguma coisa. Esse ponto da madrastra má o povo sabe. São más como caminhas — embora haja alguma degenerada que seja boa. Madrastra boa não é madrastra. Para ser madrastra, tem que ser uma bisco das completas. Eu, se pilhar alguma por aqui, furo-lhe os olhos.

LOBATO, Monteiro. *Histórias de Tia Nastácia*. SP: Brasiliense, 1995.

Atividade da etapa 4 realizada por um aluno.

113

Narrador personagem

Neste caso, o narrador participa da história, e por isso o texto é escrito em primeira pessoa do singular ou plural (eu, nós).

Narrador observador

Também existe a possibilidade de o narrador não participar da história. Ele observa a situação de fora, o que faz o texto ser escrito em terceira pessoa (ele, ela, eles, elas).

Narrador onisciente

É aquele que sabe de todos os fatos, mesmo que não participe da história. Sua compreensão costuma ir além dos acontecimentos. Ele consegue narrar até mesmo os pensamentos e sentimentos dos personagens, como se tivesse um conhecimento sobrenatural.

Pelo fato desse narrador conhecer muito os personagens, bem como seus pensamentos, sentimentos, ideais, atitudes, etc., ele pode opinar sobre tais comportamentos ao longo da narrativa.

Tipos de personagens

Finalmente, vamos falar das estrelas da narrativa: os personagens. São os seres reais ou fictícios que participam da história. Como a Literatura é criativa, pode ser uma pessoa, um animal, um ser mitológico ou fantástico, um objeto personificado ou até mesmo um sentimento.

Os personagens podem ser divididos entre:

- **Protagonistas:** são destaques da narrativa, ocupam o lugar principal da história;
- **Antagonistas:** são os adversários dos protagonistas, aqueles que vão criar ou alimentar o conflito, dificultando a vida dos principais;
- **Secundários:** são personagens menos importantes na história, mas que de alguma forma contribuem para a sequência de fatos do enredo.

Trabalhando os elementos da narrativa e a compreensão do texto.

1) Responda:

a) Sobre o conto lido:
Autor: Monteiro Lobato
Ano de publicação: 1995
Nome da obra: História de Tia Nastácia
Nome do conto: A Madrastra

b) Qual o tempo da narrativa?
2 meses

c) Qual o espaço da narrativa?

114

Em uma fazenda

d) Qual é a situação inicial da narrativa?
Um homem casa-se pela segunda vez e a esposa não gosta das filhas dele.

e) Retire do texto o trecho que compõe o clímax da história.
Mandou buscar uma enxada e cavar, e retirou-as da terra vivas por um milagre de Nossa Senhora.

f) Quem são os personagens principais?
As três meninas e a madrastra

g) Quem são os personagens antagonistas?
A madrastra

h) Que ações são essenciais para os acontecimentos do conto se darem até o desfecho? Resuma.
1. A madrastra casou com o pai das meninas.
2. A madrastra batia nas meninas.
3. Enterrou as meninas.
4. O cabelo virou capim e murmurava.
5. As filhas encalhadas e a madrastra morreram.

i) Como é possível que o desfecho seja o que foi narrado? O que aconteceu para que o final fosse o que foi lido?
Um milagre de Nossa Senhora. Os cabelos viraram capim.

j) Quem poderia ser chamada de "fada madrinha" no conto?
Nossa Senhora

k) Qual é o acontecimento mágico que torna esse conto um conto de fadas?
O milagre

l) Quem é o(s) narrador(a) do conto? Qual o tipo de narrador?
Tia Nastácia, narrador onisciente

m) Quem está ouvindo a narrativa?

Atividade da etapa 4 realizada por um aluno.

Emília, Narizinho, Pedrinho e Dona Benta

n) Onde os ouvintes, provavelmente, estão?
Na sala

o) Você conhece os ouvintes da narrativa de alguma outra história? Se sim, de onde?
Sim, do Sítio do Pica-pau Amarelo

p) Por que Emília, a boneca de pano que tem vida, dá opiniões sobre o que ouve?
Porque ela é intrometida

q) A história que é contada às crianças está sendo dita no passado ou no presente? Como você percebeu isso? Dê um exemplo com trechos do texto.
no passado, pelos verbos no passado. No quintal havia...

r) O que acontece neste conto de fadas é algo possível, verdadeiro? Justifique seu posicionamento.
Sim, porque eu acredito em milagre

s) Você conhece alguém ou tem um parente ou amigo que conte casos assim como o narrador da história? Você gosta de ouvir histórias como fábulas, contos de fadas, contos de terror? Comente.
Não, sim eu gosto de fábula

t) No espaço abaixo, ilustre, a seu gosto, uma cena que represente o conto lido.



Atividade da etapa 4 realizada por um aluno.

Realização da etapa 4 e Resultados

Passo 1 – Realizei a leitura do conto de fadas A Madrasta, de Monteiro Lobato. Distribuí tanto o texto de Lobato quanto a sistematização do conto de fadas com as características e os elementos da narrativa. Li com os alunos e expliquei, durante a leitura, as partes de sistematização.

Passo 2 – Entreguei impresso questionário com perguntas sobre compreensão do texto lido e para que completassem com os elementos da mesma narrativa lida.

RESULTADOS: Os alunos realizaram a atividade sem muita vontade. Ficaram um pouco desanimados e questionaram se não haveria outro filme para assistirem, mas todos tentaram fazer, cada um a seu modo e em seu tempo. Muitos vieram pedir auxílio e acabei optando por fazermos as atividades em conjunto.

Creio que a forma de explicar certas atividades com textos sistematizadores não traz novidade para os alunos porque já é a forma como estão acostumados a assistirem às aulas e é como os livros didáticos são configurados. Atribuo o pouco sucesso dessa atividade a essa decisão de sistematizar o conteúdo de forma tradicional.

Sugiro que, ao aplicar essa atividade, as sistematizações sejam trocadas por exercícios de completar ou, até mesmo, um jogo para que os alunos disputem entre si, com a finalidade de descobrir o nome dos elementos, por exemplo. No meu caso, durante esta pesquisa, não houve tempo hábil para reaplicar a tarefa de forma diferenciada.

A última questão da etapa pedia que eles fizessem uma ilustração para o conto lido. Essa atividade foi bem recebida por eles e deu um tom de leveza à atividade que havia sido considerada chata.

Tempo de realização: Conforme previsto, foram utilizadas 3 aulas, sendo 2 geminadas e 1 sozinha em dias diferentes.

ETAPA 5

Objetivos específicos

- Desenvolver a oralidade através de roda de conversa para discussão do tema central do conto: o incesto;
- Realizar atividades que permitam que os alunos encontrem os elementos da narrativa e, mais especificamente, características dos contos de fadas;
- Rever as regras de uso de letras maiúsculas e minúsculas.

Ação 1 - Fazer roda de leitura com o conto de fadas *Pele de Asno*, de Charles Perrault. Destacar durante uma segunda leitura, quais as passagens mais importantes, a fim de que os alunos percebam onde se encontra cada elemento essencial à narrativa e de que possam perceber, por si sós, a estrutura comum aos contos de fadas.

Ação 2 - Discussão em roda de conversa sobre problemas como incesto, relacionamentos abusivos entre pais e familiares (de acordo com os problemas que são realidade dos alunos e que venham a ser percebidos e comentados por eles durante a discussão).

Ação 2.1 - Apresentar o texto *As fadas*, de Charles Perrault, em versão traduzida e adaptada por Monteiro Lobato, em obra publicada em 1960. Destacar o fato de que as regras de ortografia da época eram muito diferentes das que estão em vigência hoje (acentuação principalmente). Solicitar reescrita do texto dando ênfase às letras maiúsculas e minúsculas e, ainda, pedir que criem um final diferente do que foi apresentado.

Tempo para a realização : 5 aulas

Atividade Detalhada



PELE DE ASNO

Era uma vez um boníssimo rei, a quem o povo muito amava e os vizinhos muito respeitavam, sendo por isso o rei mais feliz do mundo. Além do mais, ele teve a sorte de casar-se com uma princesa linda e igualmente virtuosa, que lhe deu apenas uma filha, porém tão encantadora, que os pais viviam num verdadeiro êxtase.

No palácio real, havia abundância de tudo e muito bom gosto. Os ministros eram muito sagazes e habilidosos, os cortesãos, muito dedicados, e os empregados, muito leais. Na grande estrebaria, havia os mais soberbos cavalos jamais vistos e com os melhores arreios, embora todos estranhassem que o mais importante animal fosse um asno com orelhas compridíssimas. Mas não fora por um mero capricho que o rei lhe dera tamanha distinção. O asno era merecedor de todas as regalias e honras, pois, na verdade, se tratava de um asno com poderes mágicos. Todo dia, ao nascer do sol, a sua baia estava coberta de moedas de ouro, que o rei mandava colher.

Mas como a vida não é para sempre um mar de rosas, certo dia a rainha caiu de cama, com uma doença desconhecida que nenhum médico era capaz de curar. No palácio, baixou uma intensa tristeza. O rei foi a todos os templos do castelo e fez promessas, em que se comprometia a dar sua própria vida em troca da cura da amada rainha. Mas tudo foi em vão.

Certo dia, sentindo que ia morrer, a rainha chamou o marido e lhe disse, aos prantos: – Meu fiel esposo e amigo, quero fazer-lhe, antes de ir-me, um pedido: se de novo se casar...

Nesse ponto, o rei a interrompeu, apartando-lhe as mãos e desfazendo-se em lágrimas, como que para dizer-lhe que jamais sequer pensara nisso.

– Não, não, minha fiel esposa e amiga, em vez disso, peça-me que a siga na tumba!

– O reino – continuou a rainha com tranquila firmeza – precisa de sucessores e eu só lhe dei uma filha. Portanto, terá que se casar de novo. E eu lhe peço que só se case se encontrar uma princesa mais bonita e mais bem-dotada do que eu. Se me jurar isso, morrerei feliz e em paz.

Parece que a rainha tinha muito amor próprio e que, se forçou o marido a essa promessa, foi porque não cogitava que pudesse haver outra princesa que a excedesse em beleza e dotes. Porém, o rei jurou e ela, alguns minutos depois, morreu. O rei sofreu imensamente. Durante vários dias, só chorou e se lamentou. Mas, com o tempo, se foi conformando, e, certo dia, os seus ministros lhe mandaram uma representação, pedindo-lhe que se casasse de novo. Tal pedido o fez desfazer-se em lágrimas pelo pesar reavivado e respondeu que jurara à esposa que só voltaria a se casar quando aparecesse uma princesa mais bonita e mais bem-dotada do que a falecida, o que era praticamente impossível. Os ministros disseram que a beleza era algo supérfluo, e que para o bem do reino bastava uma rainha virtuosa e fértil, que lhe desse muitos filhos homens e, assim, tranquilizasse o povo quanto à sucessão. Também disseram que a princesa real tinha todos os atributos para se tornar uma grande rainha, mas, por ser mulher, logo se casaria com um príncipe estrangeiro, o que poria em risco a coroa, já que o rei não tinha filhos que lhe sucedessem.

O rei ouviu tudo e meditou sobre aqueles argumentos racionais, prometendo que voltaria a se casar. E, de fato, procurou, entre as princesas em idade de casar uma que lhe fosse conveniente. Todos os dias, os ministros lhe traziam retratos de princesas dos reinos das cercanias – porém o rei respondia negativamente com a cabeça. Nenhuma chegava aos pés da sua amada falecida.

O tempo passava e, à medida que passava, a princesa real ficava cada vez mais linda, excedendo a própria mãe. O rei reparava naquilo, e como já não estava muito no seu juízo perfeito, começou a sentir pela filha um amor profundo e forte, que não se assemelhava ao amor paterno. Enfim, não conseguindo mais esconder os seus sentimentos, declarou que só se casaria com ela.

A jovem princesa, que era muito virtuosa, quase desfaleceu quando ouviu a declaração

do rei, seu pai. Lançou-se aos seus pés e lhe suplicou eloquentemente a não cometer aquele crime hediondo.

O rei foi consultar um druída para ficar com a consciência tranquila, e o druída, que era muito ambicioso e só queria tornar-se um dos favoritos do rei, convenceu-o de que não havia mal algum naquele casamento e que, além de ser vantajoso para todos, era até mesmo um ato de crueldade. O rei o abraçou e retornou ao palácio mais decidido ainda, e mandou que a princesa se preparasse para as bodas.

À princesa, em desespero, só ocorreu uma ideia: ir consultar a fada Lilás, sua madrinha. Então, partiu naquela noite mesmo, numa espécie de carro puxado por um cordeiro que conhecia todos os caminhos. A fada gostava muito da princesa e logo que a viu chegar lhe disse que já sabia de tudo.

– É claro, minha menina, que seria um grande erro casar-se com o seu pai. Porém, eu vejo um jeito de arranjar as coisas sem que haja um confronto. Concorde com as bodas, mas lhe exija como condição que ele lhe dê um vestido da cor do tempo. Nem com todas as riquezas que possui, nem com todo o seu poder, ele conseguirá semelhante vestido.

A princesa agradeceu à sua madrinha, retornou ao palácio e disse ao rei que se casaria com ele, contando que lhe desse um vestido com a cor do tempo. O rei ficou tão maravilhado com a resposta, que mandou vir os mais habilidosos costureiros do reino, e lhes ordenou que fizessem o vestido, sob pena de serem enforcados.

Mas isso não foi necessário, porque, após dois dias, os costureiros trouxeram o vestido, leve como as manhãs e azul como o céu. A princesa ficou desapontada e correu de novo ao encontro da madrinha:

– O que fazer agora? – perguntou-lhe.

– Peça agora um vestido da cor da lua – respondeu-lhe a fada.

E a princesa real pediu ao rei o vestido da cor da lua, que foi encomendado de imediato. No dia seguinte, o vestido foi entregue e era tal e qual da cor da lua. A princesa se desesperou e de novo se lamentava quando a fada apareceu e disse:

- Se pedir um vestido da cor do sol, tenho certeza de que o rei ficará muito embaraçado, pois é impossível fazer um vestido da cor do sol – e, pelo menos, você ganhará tempo.

A princesa fez o que a fada lhe recomendou – pediu ao rei um vestido da cor do sol, que foi, de pronto, encomendado. E para que os costureiros o pudessem fazer, o rei lhes deu todos

os diamantes e rubis da sua própria coroa para enfeitar o vestido. Quando trouxeram, todos os habitantes do palácio tiveram que fechar os olhos, tamanho era o seu esplendor.

A moça se sentiu perdida, e sob o pretexto de que o vestido lhe havia feito mal aos olhos, retirou-se para seus aposentos, onde a aguardava a boa fada.

– Minha menina, não se desespere! Nem tudo está perdido! – disse-lhe ela. – O rei está obcecado e nossos estratagemas falharam. Mas acho que, se pedir a pele do asno que fornece todo o ouro que é sustento da riqueza dessa corte, ele negará. Vá pedir-lhe a pele do asno.

A jovem, alegre e cheia de esperanças, correu e foi pedir ao pai a pele do asno. O rei ficou espantado com aquele capricho, mas na hora ordenou que sacrificassem o asno, cuja pele foi dada à princesa.

A princesa subiu, correndo para seus aposentos e se desfez em lágrimas, mas sua madrinha conseguiu acalmá-la facilmente.

- Mas o que há menina? Pois fique sabendo que isso foi ótimo. Envolve-se na pele do asno e saia pelo mundo. Deus recompensa quem tudo sacrifica pela virtude. Vá. Tudo o que lhe pertence a acompanhará, eu lhe garanto. Fique com a minha varinha de condão. Sempre que a bater no chão, verá surgirem as coisas de que estiver precisando.

A princesa deu um abraço apertado na madrinha, suplicando-lhe que não a abandonasse jamais. Em seguida, envolveu-se na pele do asno, passou fuligem no rosto e saiu do palácio despercebida.

O desaparecimento da princesa foi um verdadeiro escândalo. O rei, que já ordenara uma esplêndida festa para o dia de suas bodas, mergulhou no desespero. Mandou mais de mil mosqueteiros saírem à procura da filha. Mas tudo foi em vão. A varinha de condão tinha a fantástica propriedade de tornar a princesa invisível a todos os seus perseguidores.

Assim que saiu do palácio, a princesa foi andando sem rumo, até muito longe, à procura de uma casa onde pudesse empregar-se. Todo mundo lhe dava esmolas, mas ninguém a recebia na sua casa. Aquele rosto cheio de fuligem e aquela pele de asno faziam as pessoas sentirem nojo dela. Por fim, chegou às cercanias de uma cidade onde havia uma granja. Naquele exato local, estavam à procura de uma empregada que executasse as tarefas mais grosseiras, como lavar a pocilga, guardar os gansos e outras coisas do tipo. Vendo aquela maltrapilha tão suja, a dona da granja se dispôs a empregá-la, coisa que a princesa aceitou de pronto, de tão cansada que estava.

A mísera princesa teve de ficar num canto da cozinha, com toda a criadagem a caçoar dela da maneira mais estúpida – tudo devido à pele de asno que ela usava. Enfim, acabou por se acostumar com aquilo, e caprichava tanto na execução das suas tarefas, que a dona da granja começou a vê-la com melhores olhos.

Certo dia em que se sentara à beira de um tanque, resolveu mirar-se no espelho d'água e assustou-se com sua horrível aparência. Lavou-se e ficou clara como era – linda e branca como a lua. Algum tempo depois, teve que vestir de novo a medonha pele de asno a fim de voltar para casa.

No dia seguinte, não havia trabalho, porque era dia de festa, então a princesa tocou a varinha, e a sua frente surgiram os seus pertences, e ela se divertiu em pentear-se e enfeitar-se com os seus mais lindos ornamentos. O seu quarto era tão pequenininho que as caldas dos vestidos não se podiam desdobrar. Com justo mérito, a princesa se admirou no espelho e teve, dessa forma, um dia feliz. Depois desse dia, resolveu que em todas as horas vagas poria os seus lindos vestidos e se enfeitaria – mas sempre às escondidas, dentro das quatro paredes do seu quartinho. Por vezes, ficava tão encantadoramente linda que até suspirava por não haver ninguém que a visse.

Num dia de folga, em que Pele de Asno (chamavam-na por esse nome) pusera o seu vestido da cor do sol, ocorreu de ali parar o filho do rei, que fora à caça. Era um belo príncipe, o povo o idolatrava e os seus pais o adoravam. A dona da granja mostrou-lhe tudo, as aves, as plantações, e como o príncipe era muito curioso, percorreu a propriedade toda, examinando tudo. Mas quando passava por um corredor, encontrou uma porta trancada e resolveu espiar pelo buraco da fechadura: vislumbrou, lá dentro, uma beleza que o deixou fascinado. Era Pele de Asno com seu vestido da cor do Sol.

Muito intrigado, o príncipe saiu dali e foi perguntar quem ocupava aquele quarto escuro. Responderam-lhe que era uma pastora imunda chamada Pele de Asno, pois sempre vestia uma pele desse animal; disseram também que era tão suja que ninguém tinha vontade de aproximar-se dela, nem de falar-lhe, e que só por caridade a tinham empregado como pastora de carneiros e gansos.

O príncipe logo percebeu que era inútil inquirir aquelas pessoas tolas e voltou para a corte com o coração palpitando de transtorno. Não conseguia tirar da cabeça a fascinante deusa vislumbrada por alguns segundos pelo buraco da fechadura.

Arrependeu-se amargamente de não ter arrombado a porta. E tamanha foi a sua excitação que ficou com uma febre altíssima. A rainha se desesperou com o estado do seu filho único e prometeu milhões de recompensa a quem pudesse curá-lo.

Todos os melhores médicos do reino acudiram e, depois de vários exames, concluíram que a doença do príncipe provinha de uma inquietude moral. Assim que a rainha ficou sabendo disso, foi perguntar ao filho o que realmente se passava no seu coração. Disse-lhe que o que quer que fosse, ela faria tudo por amor a ele; que se queria a coroa, com certeza o seu pai daria sem problema algum; que se queria tomar por esposa alguma princesa, a tomaria, mesmo que fosse necessário declarar uma guerra. Mas que, pelo amor de Deus, não continuasse daquele jeito e lhe confessasse tudo, senão também ela morreria.

- Minha querida mamãe – respondeu o príncipe com voz agonizante – não sou um filho desnaturado que quer subir ao trono quando seu pai ainda está vivo. Pelo contrário: quero que ele viva por muitos anos mais.

- Eu sei, meu filhinho, mas sua vida é o que temos de mais precioso e queremos saber qual é o motivo do seu desassossego, que tudo faremos para salvar sua vida, pois salvando a sua vida estaremos salvando também a nossa.

-Tudo bem, mamãe, vou contar-lhe a verdade. O que quero é que Pele de Asno me faça um bolo para saciar a minha vontade.

A rainha ficou estupefata ao ouvir aquele pedido tão estranho, ainda mais com a menção de uma pessoa desconhecida e de nome tão feio.

-Meu filho, quem é Pele de Asno?

Um dos palacianos que já estiveram na granja respondeu:

-Majestade, Pele de Asno é uma pastora imunda, encardida, que guarda os carneiros e gansos numa granja da propriedade real.

-Pouco importa! – disse a rainha. – Talvez o meu filho, numa das suas caçadas, tenha comido um bolo feito por ela e agora está com desejo doentio. Mandem Pele de Asno preparar o mais rápido possível o bolo.

Cumprir dizer que, no instante em que o príncipe olhou pelo buraco da fechadura, quando visitou a granja, a princesa o percebeu, e depois, pela janelinha, pode vê-lo quando ele se afastava – e admirou o porte e a beleza viril do príncipe. Alguns dizem até que suspirou – e que, desse dia em diante, sempre suspirava quando se lembrava daquela cena. O que quer que

seja, quando Pele de Asno recebeu a ordem de preparar o bolo, ficou agitadíssima e foi correndo se fechar no seu quartinho para por a mão na massa. Para tanto, lavou-se, penteou-se, pôs seu vestido mais bonito e começou a amassar a mais branca e pura farinha com a manteiga e os ovos mais frescos e amarelinhos. Num dado momento, não se sabe se por obra do acaso ou se de propósito, deixou cair na massa um anel que tinha no dedo. Uma vez pronto o bolo, escondeu-se de novo sob a medonha e repugnante pele, e abriu a porta para entregar aos mensageiros o que lhe fora encomendado, e, tímida, lhes perguntou como passava o príncipe. Os mensageiros, muito soberbos, nem lhe responderam. Pegaram o bolo e se foram a galope para o palácio.

O príncipe recebeu ávido o bolo e o comeu com tamanha voracidade que os médicos ficaram estupefatos, não achando aquilo nem um pouco natural. Alguns segundos depois, começou a tossir desesperadamente, como se algo o asfixiasse. Era o anel. Tirou-o da boca e viu que se tratava de uma joia rara e linda, que só poderia caber num dedinho de extrema delicadeza.

O príncipe o beijou inúmeras vezes e pôs à sua cabeceira, para de novo contemplá-lo e beijá-lo sempre que ficava sozinho.

Agora o que o atormentava era o desejo de conhecer a dona do anel, porém receava contar o que vira pelo buraco da fechadura, pois tinha a certeza de que todos zombariam dele. E, torturado por sentimentos tão contraditórios, acabou piorando. A febre aumentou. Então os médicos disseram à rainha que a doença do príncipe era simplesmente amor.

Na hora a rainha e o rei foram ao quarto do adorado doente.

– Meu filho! – disseram-lhe. – Seja bom conosco e nos diga o nome daquela que conquistou seu coração, porque juramos aceitar a sua escolha, mesmo que seja a mais humilde serva.

O príncipe, comovido com as palavras dos pais, respondeu-lhes:

– Meus queridos pais, eu não quero casar-me com alguém que lhes desagrade e, para provar o que digo, declaro que só me casarei com a dona deste anel. Acho que a dona de um dedinho que nele caiba não pode ser nenhuma aldeã indigna de nós.

O rei e a rainha pegaram o anel, examinaram-no com atenção e concordaram com o filho. Em seguida, o rei beijou o filho e se retirou, fez um decreto em que proclamava que a moça em cujo dedo coubesse o anel seria a esposa do príncipe. Houve uma verdadeira

peregrinação de moças em idade de casar ao palácio. Vieram primeiro as princesas, que eram muitas; em seguida, as duquesas, as marquesas e as baronesas, mas em nenhum dos seus dedos coube o anel. Depois, vieram as mais belas moças da cidade, que não pertenciam à nobreza e tampouco nos seus dedos coube o anel. O príncipe melhorara e ele próprio fazia a prova.

Por fim, chegou a vez das milhares de moças de baixa condição, criadas, camareiras e o mesmo aconteceu com elas. Então, o príncipe mandou vir também as cozinheiras e as guardadoras de gado, mas foi em vão.

– Agora só resta vir a tal Pele de Asno que me preparou o bolo – disse o príncipe – e todos riram, dizendo que uma criatura daquela tão suja não era digna sequer de pôr os pés no palácio.

– Ordeno que a tragam. – declarou o príncipe – Não há porque venham todas menos ela.

Os cortesãos lhe obedeceram e foram buscá-la, porém dando gargalhadas daquela excentricidade do príncipe.

Pele de Asno, que já amava o príncipe, sentiu o coração pular quando soube do tumulto que ocorria na corte por causa de seu anel e, desconfiada de que também a viria buscar, arrumou-se o melhor que pôde e pôs o seu mais lindo vestido. Em seguida, envolveu-se na pele do asno e aguardou. Algum tempo depois, chegaram os mensageiros com a ordem de levá-la, e os tais mensageiros não conseguiram parar de rir daquele horrendo ser. “Chamaram-na ao palácio, ó imunda! Para casar-se com o filho do rei, Ah! Ah! Ah!”

O príncipe ficou desapontado quando Pele de Asno entrou no seu quarto.

– É você mesma que ocupa aquele quartinho no fundo da granja?

– Sim, senhor príncipe. – respondeu ela.

– Mostre-me a mão. – disse-lhe o príncipe por descargo de consciência, e suspirando de desânimo.

Então, o que se sucedeu foi qualquer coisa. Assim que recebeu a ordem de mostrar a mão, Pele de Asno pôs para fora da medonha pele que a cobria a mais delicada mão do mundo, rósea, em cujo dedo médio o anel coube como se tivesse sido feito especialmente para ele. De súbito, a pele de asno lhe caiu dos ombros e aos olhos de todos surgiu uma criatura de beleza exuberante. O príncipe pulou da cama e, ajoelhando aos seus pés,

abraçou-a com ternura. Em seguida, o rei e a rainha fizeram o mesmo, perguntando-lhe se aceitava o príncipe por esposo. A princesa, toda confusa, já abria a boca para responder, quando o teto se abriu e a fada Lilás apareceu numa carruagem maravilhosa, tecida de pétalas de lilases, e contou a todos a história da princesa tim-tim por tim-tim.

A alegria do rei e da rainha foi imensa quando ficaram sabendo que Pele de Asno era uma princesa real e, portanto, digna de ser a esposa do herdeiro do trono e, de novo, a abraçaram e beijaram.

O príncipe estava tão impaciente para se casar que mal houve tempo para preparar uma festa à altura do faustoso acontecimento. O rei e a rainha, que tinham adoração pela nora, não paravam de mimá-la e de beijá-la. Porém, a moça estava triste e disse que não poderia casar-se sem o consentimento do pai. Assim sendo, ele foi o primeiro a receber o convite para as bodas, que, a conselho da fada Lilás, não mencionava o nome da noiva. Às núpcias, compareceram reis de todas as regiões: alguns foram de liteira, outros de cabriolé, e os de terras mais longínquas, montados em elefantes, em tigres e em águias. Porém, o mais poderoso e magnífico era o pai da princesa, que, para alegria geral, havia esquecido aquele amor impossível e descabido e se havia casado com uma bela rainha viúva, com a qual não teve filhos. A princesa, assim que o viu, correu ao seu encontro, e ele logo a reconheceu e a beijou ternamente, antes que ela pudesse ajoelhar-se aos seus pés. O rei e a rainha lhe apresentaram o filho, de quem se tornou muito amigo. As bodas se deram com pompa e circunstâncias, mas os noivos nem perceberam isso, pois só tinham olhos um para o outro.

- 1) Agora que já lemos o conto de fadas Pele de Asno, vamos nos organizar em um círculo para discutirmos os acontecimentos da narrativa e compará-lo com fatos que, ainda hoje, podem ser vividos pelas mulheres, bem como a personagem.
- 2) Agora vamos produzir um texto coletivo com as conclusões a que chegamos sobre o conto Pele de Asno e seu enredo.

3) Vamos ver se você está realmente conseguindo compreender e destacar os principais elementos que compõem uma narrativa de conto de fadas. Para isso, complete corretamente:

- a) Situação inicial –
- b) Personagem principal –
- c) Personagens secundários –
- d) Personagem antagonista –
- e) Conflito –
- f) Desenvolvimento –
- g) Clímax –
- h) Desfecho –
- i) Ações principais –
- j) Tempo da narrativa –
- k) Espaço da narrativa –
- l) Tipo de narrador –
- m) Resumo do enredo –

Leia o texto II, *As Fadas*



Ilustração do Conto As Fadas

ERA UMA vez uma viúva com duas filhas.

A mais velha, muito má e orgulhosa, parecia com a mãe em tudo. Ver uma era ver outra.

A mais moça, porém, primava pela bondade de coração e pela beleza do rosto. Tinha puxado ao pai, um homem muito bom e sério. Justamente por isso a viúva tinha-lhe ódio; fazia-a comer na cozinha e forçava-a a trabalhar sem descanso.

Entre outros serviços pesados a pobre menina era obrigada a trazer duas vezes por dia um grande pote d'água duma fonte a meia légua de distância. Verdadeiro castigo.

Certa ocasião em que estava na fonte enchendo o pote apareceu uma velha que lhe pediu de beber.

— Pois não, minha senhora, respondeu delicadamente a menina — e lavou o fundo do pote, encheu-o da melhor água e ficou segurando-o no ar enquanto a velha bebia.

— Você é tão bonita e boa, disse a velha, que bem merece um dom. (Era uma fada que se disfarçava em velha para experimentar a bondade das meninas.)

— Que dom?

— Cada vez que falar rolará da sua bôca uma flor ou uma pedra preciosa.

Disse e sumiu.

A menina voltou para casa muito contente — e levou logo uma descompostura por ter-se demorado mais que do costume.

— Peço-lhe perdão, minha mãe, de ter-me retardado tanto, disse ela humildemente — e ao falar duas rosas, duas pérolas e dois lindos brilhantes pularam da sua bôca.

— Que é isto? exclamou a mãe assombrada, juntando as pedras. Donde vêm tantas riquezas, minha filha? (Era a primeira vez que a chamava de filha.)

A menina contou o que se passara na fonte — e mais diamantes rolaram pelo chão.

A mulher ficou pensativa.

“Vou mandar minha Fanchon à fonte”.

— Veja, Fanchon, o que está saindo da bôca desta menina! Não quer possuir o mesmo dom? Basta que vá buscar água e que quando uma velha apareça e peça para beber você a atenda com bons modos.

— Era só o que faltava, eu andar de pote na cabeça! respondeu a orgulhosa.

— Pois tem de ir e já, ordenou a mãe, de cara feia.

A môça má foi, resmungando, mas levou o mais lindo jarro de prata que existia na casa. Enquanto o enchia, viu sair da floresta uma dama ricamente vestida, que lhe veio pedir de beber. Era a mesma velha agora disfarçada em princesa a fim de ver até que ponto chegava a ruindade de Fanchon.

— A senhora então acha que vim à fonte para dar água aos outros? respondeu a orgulhosa. Está aqui êste jarro de prata. Se quiser, encha-o e beba.



— Você não é boa de coração nem delicada, disse a princesa sem mostrar sinais de zanga. Bem que merece um dom.

— Qual é?

— Cada vez que falar sairá da sua bôca um sapo, ou uma cobra.

A môça má pôs-lhe a língua e voltou para casa furiosa. Assim que a viu chegar a mãe foi dizendo, de cara alegre:

— Então?

— Então, quê? respondeu de mau modo a filha — e três sapos e uma cobra caíram no chão.

— Deus do céu! Que estou vendo! exclamou a mãe horrorizada. Minha filha querida a vomitar sapos e cobras, e tudo por causa daquela pestinha! Deixa estar que ela me paga...

Disse e avançou para cima da menina boa, a qual fugiu correndo para a floresta, justamente quando por lá ia

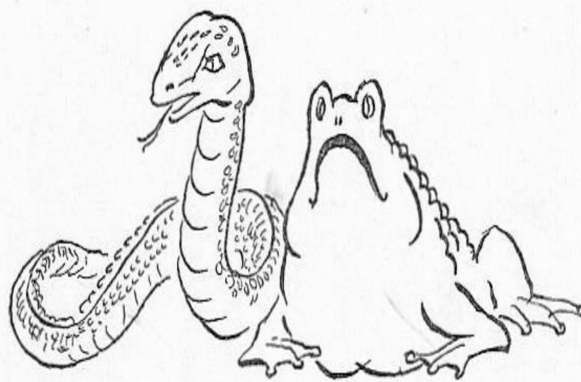


passando o filho do rei, que saíra à caça. Vendo uma tão bela criaturinha êle perguntou-lhe que fazia ali sôzinha e por que motivo chorava.

— Ai de mim! suspirou a boa menina. Minha mãe acaba de expulsar-me de casa — e ao dizer isto caíram-lhe da bôca cinco rosas, cinco pérolas e cinco diamantes.

O filho do rei assombrou-se e perguntou a significação daquilo e quando soube de tudo sentiu-se imediatamente apaixonado e levou-a para o palácio e apresentou-a ao rei, dizendo que com outra não casaria. Casaram-se e foram muito felizes.

E a má? Oh, a má ficou tão má depois dêsse acontecimento que nem sua própria mãe pôde aturá-la. Foi expulsa de casa e como ninguém quisesse saber dela, morreu abandonada, num lugar escuro do bosque.



Você notou que as palavras nesse texto estão escritas de forma um pouco diferente da que estamos acostumados a escrever hoje em dia?

Acontece que esse conto de fadas foi retirado de um livro de Monteiro Lobato (1882 – 1948). Esse escritor foi um dos responsáveis pela produção e distribuição dos primeiros livros para crianças e adolescentes no Brasil. Esse conto não é de autoria dele, mas foi ele quem traduziu e adaptou para a nossa língua.

Anote algumas palavras que tinham ortografia diferente da de hoje.

Vamos agora lembrar um pouco de quando devemos usar letras iniciais maiúsculas e minúsculas.

USO DE INICIAIS MAIÚSCULAS	ALGUNS EXEMPLOS
No início de frases, versos ou citações diretas.	Bom dia. "O único homem que está isento de erros é aquele que não arrisca acertar." Albert Einstein
Palavras que nomeiam conceitos políticos e religiosos.	Igreja Presbiteriana, Estado, Nação.
Títulos de livros, revistas, obras artísticas, jornais.	Senhora, O Globo, Revista Literária, O Abaporu.
Nomes de instituições públicas e privadas.	Escola Municipal Pedro Lacerda, Laboratório Noel Nutels.
Nomes de agremiações, estabelecimentos, edifícios, corporações.	Grêmio Estudantil 13 de Maio, Laboratório Neolab, Edifício Bastos.
Nomes que designam altos cargos ou postos.	Prefeito Municipal, Secretário de Saúde, Ministro da Justiça.
Nomes de épocas históricas e datas oficiais.	Dia do Trabalho, Proclamação da República, Dia da Independência, Dia da Consciência Negra.
Nomes de vias e locais públicos.	Avenida Fernandes Baptista, Rua Geraldo Almeida, Viaduto Costa e Pena.
Ao nos dirigirmos com ênfase a alguém em cartas, e-mails ou mensagens.	prezado Professor, querido Amigo, respeitável Diretor.
Nos pronomes e expressões de tratamento.	Vossa Alteza, Vossa Magnificência, Excelentíssimo.

Nos nomes de artes, ciências ou disciplinas.	Língua Portuguesa, Matemática, Filosofia, Farmacologia.
Nos nomes próprios de pessoas.	Ana, Carlos, Fátima, Liz, Solange.
Nos nomes dos pontos cardeais ao indicarem regiões.	região Norte, região Centro-Oeste, região Sudeste.
Nos nomes de corpos celestes.	Vênus, Netuno, Júpiter.

Vale lembrar, para evitar dúvidas, que devemos usar inicial minúscula nos seguintes casos:

- Adjetivos pátrios: brasileiro, nordestino, japonês;
- Nomes de meses e dias da semana: segunda-feira, domingo, maio, março;
- Nas palavras compostas formadas por nomes próprios: joão-de-barro, maria-chuteira maria-vai-com-as-outras;
- Nos nomes comuns que acompanham nomes geográficos: baía de Guanabara, oceano Índico, região Sul;
- No meio do nome de obras (exceto nomes próprios): O diário de Anne Frank, O Sol é para todos, Memórias de um sargento de milícias;
- Após dois pontos, após exclamação que segue interjeição, após ponto de interrogação em raciocínio incompleto: Desejo isto: que todos sejam honestos comigo., Nossa! que grosseria., Quem? aquela menina metida?.

- 1) Ao observar a tabela acima, você percebeu se se esquece de usar corretamente a inicial maiúscula em algum momento da sua escrita? Se sim, em que casos?
- 2) Por que você acha que isso acontece?
- 3) Retire do texto As Fadas, todas as palavras iniciadas em letra maiúscula e justifique seu uso em cada caso.
- 4) Reescreva o texto abaixo acrescentando as letras maiúsculas onde forem necessárias. Trata-se de uma comparação do conto Rapunzel com uma história real que pode ter inspirado a invenção do conto desse conto de fadas.

cinderela era princesa, mas foi feita escrava da madrasta e das meias-irmãs. entretanto, o príncipe organizou um baile para encontrar a mulher da sua vida e a fada-madrinha de

cinderela concedeu-lhe esse desejo. à meia-noite, a escrava tinha de estar de regresso a casa, mas enquanto fugia da festa, deixou um sapato de cristal para trás que permitiu ao príncipe localizá-la. esta é a história mágica. a real é outra.

rhodopis era uma escrava que conquistou o homem a que servia graças à imensa beleza que tinha. o romance chegou ao conhecimento do rei, que decidiu cancelar o regime de escravatura de rhodopis para que ela pudesse casar com o amo. desde então, a antiga escrava conquistou uma vida de luxo.

<https://observador.pt/2015/04/16/as-historias-reais-inspiraram-os-contos-fadas/> Acesso em: 15 de fevereiro de 2020.

125

Eu gostei da parte onde ela
casou com o príncipe. A história fala
que o rei quis casar com a filha
deu porque ele tinha ouvido
sua história fala muito de relações
mentais.

pelo de Amo
pede ajuda à
madrinha e ela
manda que a
princesa fugir
restituindo a pele
de um ano mais
que havia em
seu reino. Ela
vai trabalhar em
outro reino onde
conhece um
príncipe.

3) Vamos ver se vocês estão realmente conseguindo compreender e destacar os
principais elementos que compõem uma narrativa de conto de fadas. Para isso, complete
corretamente:

a) Situação inicial - A morte da mãe da princesa

b) Personagem principal - A princesa

126

c) Personagens secundários - Mãe e rei, a fada, o príncipe e os funcionários

d) Personagem antagonista - O rei

e) Conflito - O rei se apaixona pela filha e a
pede em casamento

f) Desenvolvimento - Pele do amor e a garota brilha e ela
manda que a princesa fugir e ela a ajuda a fugir e um ano mais
g) Climax - O príncipe se apaixona pela princesa pela herdeira,
se apaixona por ela e fica doente de amor.

h) Desfecho - O príncipe encontra o rei da princesa e
ela todos os dias de reino experimentam até que encontra

i) Ações principais - Todos os dias mudam ações

j) Tempo da narrativa - entre um ano passado

k) Espaço da narrativa - em dois reinos diferentes

l) Tipo de narrador - Narrador observador

m) Restante do enredo - A mãe da princesa falece, o pai
se apaixona pela filha, a filha chama a madrinha,
a madrinha a manda fugir com a pele do amor.
A princesa encontra um reino
distante onde trabalha e se apaixona pelo príncipe
e príncipe decide amar a pele e a pele se cura no
reio. O príncipe com o lado direito e a pele e mandando
experimentar, e no lado de todas as encontrar
a princesa verdadeira, casam-se

ETAPA 6

A PRINCESA E A ERVILHA

Para uma vez um príncipe que queria casar com uma princesa — mas tinha de
ser uma princesa verdadeira. Por isso, foi viajar pelo mundo fora para encontrar uma,
mas havia sempre qualquer coisa que não estava certa. Viu muitas princesas, mas
nunca tinha a certeza de serem genuínas havia sempre qualquer coisa, isto ou aquilo,
que não parecia estar como devia ser. Por fim, regressou a casa, muito aborrecido, porque
queria uma princesa verdadeira.

Atividade da etapa 5 realizada por um aluno.

Realização da etapa 5 e Resultados

Passo 1 – Fizemos a leitura do texto *Pele de Asno*, de Charles Perrault. Cada aluno possuía sua cópia do texto. Realizamos uma segunda leitura destacando os elementos dessa narrativa e anotando em folha apropriada distribuída a eles, a fim de que pudessem perceber que a estrutura das narrativas é comum a todas elas.

Passo 2 – Organizei a turma em roda e propus discussão sobre o tema que circunda o texto: o incesto. Muitos alunos não sabiam o que esse vocábulo significava. Procuramos no dicionário e coloquei no quadro. Eles copiaram em seus cadernos. A roda de conversa foi realizada para que alguns alunos mais introvertidos pudessem ter voz e participar, mas não foram todos que se manifestaram. Nos resultados detalho de melhor forma o que aconteceu na realização dessa tarefa.

Passo 3 – Propus a produção de um texto coletivo com as conclusões a que chegamos sobre o conto de fadas em questão e todos anotaram em suas folhas. A produção foi realizada de forma oral e cada aluno ia completando com suas idéias. Eu escrevi o que diziam no quadro, mas não interferei na produção.

Passo 4 – Leitura do texto *As fadas*, também de Charles Perrault. Durante a aplicação das tarefas, percebi a necessidade de desenvolver trabalho com uso de letras maiúsculas e minúsculas. Por esse motivo, acrescentei o conto *As fadas* à proposta interventiva. A escolha desse conto foi por ser pouco conhecido e um pouco mais curto, não trazendo, dessa forma, cansaço excessivo aos alunos e não os fazendo achar as atividades entediantes.

Passo 5 – A versão de *As fadas* escolhida era de uma obra traduzida e adaptada por Monteiro Lobato em 1960. O texto fornecido aos alunos era fotocópia escaneada desse texto. Pedi que observassem e notassem as diferenças existentes na ortografia do texto de 1960.

Passo 6 – Pedi que lessem e observassem com atenção o quadro com exemplos de uso das letras maiúsculas e minúsculas, depois propus questões sobre esses usos das letras em relação ao texto lido (*As fadas*).

Passo 7 – Entreguei um texto para que fosse reescrito com as letras maiúsculas nos devidos lugares onde seu emprego estava inadequado.

RESULTADOS: Na realização dessa etapa, os alunos ficaram tranquilos quanto às atividades

propostas, realizaram de bom grado, gostaram muito dos textos, elogiaram e pediram para ler novamente. Porém, quando fizemos a roda de conversa sobre incesto, a turma se exaltou, começou a falar muito alto e, no início, não permitia que eu guiasse a conversa. Foi preciso que eu parasse tudo, conversasse com eles e pedisse que ficassem calmos e controlassem os ânimos.

Mesmo após o pedido e a promessa deles de que ficariam mais calmos, a conversa não aconteceu muito dentro do que era proposto, ou seja, incesto. Como abordamos o assunto sexo, eles começaram a falar sobre suas experiências e não deixavam a conversa fluir no caminho que pretendi desenvolver inicialmente.

O incesto é um problema com que convivem muitos alunos da escola onde leciono, na qual a proposta foi aplicada. Temos casos tanto de meninas quanto de meninos que já passaram por essa situação com pais, irmãos, avós, entre outros parentes e, por isso, eu cogitei tratar sobre o assunto. Queria que eles soubessem se proteger ou denunciar, mas não consegui atingir o objetivo de a conversa chegar a esse ponto.

Talvez tenha existido, por parte da turma, um instinto de proteção em relação aos colegas que sofrem essa violência e resistiram ao desenvolvimento do assunto. Mas não há como ter certeza se foi isso ou a condução da roda de conversa que levou a esse resultado.

Tempo de realização: Foram utilizadas 6 aulas, apesar de terem sido previstas apenas 5 porque a escola estava realizando ensaios para festa da família e os alunos precisavam sair cedo das aulas. Foram 2 aulas geminadas em dias diferentes, mas na mesma semana.

ETAPA 6

Objetivos específicos

- Demonstrar a atemporalidade como característica dos contos de fadas;
- Destacar os verbos *dicendi*, por exemplo, responder, refutar, interrogar, recomendar, aconselhar, etc.;
- Explicitar o uso dos verbos no pretérito na construção de textos narrativos;
- Demonstrar a importância do uso de adjetivos e locuções adjetivas na construção da narrativa, em especial na caracterização dos personagens e do lugar.

Ação 1 - Realizar a leitura de *A princesa e a ervilha*, de Hans Christian Andersen, para demonstrar a atemporalidade que fica marcada nos contos de fadas com as expressões iniciais “era uma vez”, “havia um tempo”, “certa vez”, visto que estas expressões não situam a narrativa em um tempo histórico preciso e, posteriormente, demonstrar a importância do uso dos adjetivos e locuções adjetivas na construção dessa narrativa. Realizar a leitura do conto de fadas *As três fiandeiras*, dos Irmãos Grimm, para demonstrar o uso dos verbos no pretérito, observados na construção de textos narrativos.

Ação 2 - Destacar, especialmente, os verbos *dicendi*, por exemplo, responder, refutar, interrogar, recomendar, aconselhar, etc. Demonstrar seus usos nas narrativas. Identificar no texto verbos no pretérito. Realizar atividades para completar o texto com os verbos ausentes, no pretérito. Propor questões de compreensão sobre o texto *As três fiandeiras*.

Tempo para a realização: 8 aulas

Atividade Detalhada

A PRINCESA E A ERVILHA

Era uma vez um príncipe que queria casar com uma princesa — mas tinha de ser uma princesa verdadeira. Por isso, foi viajar pelo mundo afora para encontrar uma, mas havia sempre qualquer coisa que não estava certa. Viu muitas princesas, mas nunca tinha a certeza de serem genuínas, havia sempre qualquer coisa, isto ou aquilo, que não parecia estar como devia ser. Por fim, regressou a casa, muito abatido, porque queria uma princesa verdadeira.

Uma noite houve uma terrível tempestade; os trovões ribombavam, os raios rasgavam o céu e a chuva caía em torrentes — era apavorante. No meio disso tudo, alguém bateu à porta e o velho rei foi abrir.

Deparou-se com uma princesa. Mas, meu Deus!, o estado em que ela estava! A água escorria-lhe pelos cabelos e pela roupa e saía pelas biqueiras e pela parte de trás dos sapatos. No entanto, ela afirmou que era uma princesa de verdade.

— Bem, já vamos ver isso — pensou a velha rainha. Não disse uma palavra, mas foi ao quarto de hóspedes, desmanchou a cama toda e pôs uma pequena ervilha no colchão. Depois empilhou mais vinte colchões e vinte cobertores por cima. A princesa iria dormir nessa cama.

De manhã, perguntaram-lhe se tinha dormido bem.

— Oh, pessimamente! Não preguei o olho em toda a noite! Só Deus sabe o que havia na cama, mas senti uma coisa dura que me encheu de nódoas negras. Foi horrível.

Então ficaram com a certeza de terem encontrado uma princesa verdadeira, pois ela tinha sentido a ervilha através de vinte edredons e vinte colchões. Só uma princesa verdadeira podia ser tão sensível.

Então o príncipe casou com ela; não precisava procurar mais.

A ervilha foi para o museu; podem ir lá vê-la, se é que ninguém a tirou.

Aqui têm uma bela história!



Recorte em papel feito por
Hans Christian Andersen
Fonte: Museu da Cidade de Odense

PERRAULT, GRIMM, ANDERSEN & OUTROS. Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen & outros. - 1ª edição - Trad. Maria Luiza X. de A. Borges - Apresentação: Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010

Nos contos de fadas é comum vermos termos relativos ao tempo que não nos permitem situar em que época a narrativa estaria acontecendo. Isso contribui para que esses contos sejam passados de geração em geração e continuem sempre fazendo sentido para os leitores ou ouvintes, já que seus temas sempre nos parecem atuais e adequados.

Podemos citar, por exemplo, as expressões “era uma vez”, “havia um tempo” ou “certa vez”. Todas elas não deixam claro quando a história a ser narrada se passa.

Outra presença bem comum nos contos narrativos é a dos verbos *dicendi*. Esses verbos recebem esse nome porque derivam de expressão originária do latim e que tem o significado de “dizer”. Assim, esses verbos são também conhecidos como verbos de elocução/de declaração, ou seja, verbos que apresentam a maneira pela qual alguém se expressa.

Observe alguns exemplos de verbos *dicendi*:

- a) **Dizer**: afirmar, declarar
- b) **Perguntar**: indagar, interrogar
- c) **Responder**: retrucar, replicar
- d) **Contestar**: negar, objetar
- e) **Concordar**: assentir, anuir
- f) **Exclamar**: gritar, bradar
- g) **Pedir**: solicitar, rogar
- h) **Exortar**: animar, aconselhar
- i) **Ordenar**: mandar, determinar

- 1) Destaque no texto A Princesa e a ervilha as expressões que o tornam atemporal, ou seja, não situam a narrativa em um tempo preciso.
- 2) Circule os verbos *dicendi* no texto A Princesa e a ervilha e escolha um dos outros contos de fadas estudados para fazer o mesmo.
- 3) Agora crie um parágrafo de um conto de fadas que apresente três exemplos de verbos *dicendi*.

Visita à biblioteca da escola.

Releia o texto e faça o que é solicitado abaixo.

- 1) Marque no texto todas as palavras que caracterizam os objetos, os personagens, o lugar, o clima, etc.
- 2) Você sabe a que classe de palavras os vocábulos que destacou pertencem?
- 3) Por que elas são palavras importantes no texto lido?
- 4) Construa um parágrafo de uma história, utilizando palavras que caracterizem os personagens e o lugar, para que o leitor consiga imaginar como são.

TEXTO II

AS TRÊS FIANDEIRAS

Uma moça bonita e premdada não encontrava casamento, embora muito merecesse um bom estado. Ia sempre à missa das almas, pela madrugada, e rezava seu rosário para elas. Perto da casa da moça, morava um homem rico e solteiro que dizia só casar-se com a melhor fiandeira da cidade. A moça, sabendo dessa notícia, ia comprar linho à casa do rico, dizendo fiá-lo todo num só dia. O homem ficava pasmado, vendo uma moça tão trabalhadora.

Não dando inteiro crédito ao que ouvira, numa manhã, em que a moça apareceu para mercar um pouco de linho, disse-lhe em tom de brincadeira:

- Moça, se esse linho é fiado num dia, sem entrar pelo serão, leve-o sem pagar e irei ao anoitecer ver sua tarefa.

A moça voltou para casa muito aflita com a promessa porque não podia fiar o linho num dia, nem a metade da porção que trouxera. Pôs o linho nas rocas e começou a chorar, a chorar sem consolo. Quando, estava assim, ouviu uma voz trêmula dizendo:

- Por que chora a minha filha?

Levantou a cabeça e viu uma velha, muito velha, vestida de branco e muito pálida.

Contou o que lhe sucedia e a velha disse: vá rezar seu rosário que eu vou ajudá-la um pouco.

A moça foi rezar e, quando acabou, todo o linho estava fiado e pronto. A velha disse:

- Se você casar eu virei às bodas e não se esqueça de chamar-me minha tia por três vezes.

A moça prometeu. Quando o mercador chegou e viu o linho fiado, ficou assombrado. Gabou muito a moça e no outro dia mandou ainda uma porção maior de linho, dizendo que voltaria para ver o resultado. A moça pôs-se a chorar sem parar.

Outra velha apareceu, parecida com a primeira, e fiou o linho num amém, enquanto a moça rezava e ao despedir-se fez o mesmo pedido que a primeira velha fizera.

Ainda uma vez o mercador visitou a moça e não teve palavras para elogiar o quanto ela fizera num dia. Mandou, de presente, ainda mais linho e o mesmo pedido. A moça voltou a lamentar-se e uma terceira velha apareceu e tudo se passou como de costume, linho fiado e promessa feita.

O mercador veio visitar a moça e pediu-a em casamento, marcando-se o dia. Como um dos presentes de noivado, recebeu a noiva muito linho para fiar, e rocas, fusos, dobadeiras e mais apetrechos. A moça estava desesperada com o seu futuro.

Quando acabou de casar, surgiram na porta as três velhas juntas. A moça, lembrada do que prometera, recebeu-as muito bem, tratando-as por tias, oferecendo comida, bebida, assento, e fazendo toda a sorte de agrados e oferecimentos. O noivo não tinha cobro do espanto que lhe causava a feição de cada uma das velhas. Não se contendo, perguntou:

- Por que as senhoras são assim, corcovadas, olhos esbugalhados e queixos para fora? Foi alguma doença?

- Não foi, senhor sobrinho - responderam as velhas - foi o fiar que nos deu essas pechas. Fiamos anos e anos e ficamos assim, corcovadas pela posição, olhos esbugalhados de acompanhar o riço, queixos feios pela tarefa com os tomentos.

O noivo não quis mais saber de rocas, fusos e dobadeiras. Agarrou tudo e atirou para o meio da rua, dizendo que jamais sua mulher havia de pegar num instrumento que a faria tão feia.

Viveram muito felizes. As três velhas eram as "alminhas," agradecidas pela devoção da moça.

https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/as_tres_fiandeiras

GLOSSÁRIO:

Dobadouras – mulher que enovela um fiado.

Fiandeira – mulher que fia.

Fiar – fazer fios.

Mercar – comprar.

Pecha – defeito ou falha física.

Roca – aparelho de fiar.

Riço – fios de linho

Tomento – parte fibrosa e áspera do linho, estopa.

- 1) Lido o texto acima, marque com lápis de cor de sua preferência todos os verbos que aparecem no pretérito.
- 2) Ainda sobre os verbos no passado, responda:
 - a) Reflita e anote por que os verbos de um conto de fadas, geralmente, encontram-se no pretérito?
 - b) No dia a dia, as pessoas costumam usar esse tempo verbal com frequência? Em que situações ele costuma ser usado na fala? Cite um exemplo.
- 3) Complete com os verbos no pretérito ausentes nas lacunas.

Ontem, três velhinhas____(aparecer) na minha loja. Elas____(ser) muito especiais e____(ter) um rosto angelical. Porém, antes de chegarem à loja, eu ____ (saber) que as simpáticas criaturas____(passar) pela igreja para fazer uma orações e por lá____(ficar) longo tempo. Depois____(sair) e____(começar) a visitar alguns estabelecimentos da nossa pequenina cidade.

Quando entraram____(dizer) que aquele local____(estar) abençoado e que os seus proprietários____(ser) felizes como nos contos de fadas: para sempre!

Não sei se____(ser) pela minha fé ou milagre daquelas misteriosas doninhas, mas todos, realmente, estão profundamente felizes até o dia de hoje.

Quanto às senhorinhas,____(sumir) e ninguém nunca mais as____(ver), mas____(deixar) mesmo a alegria por aqui.

4) Sobre *As três fiandeiras*, responda:

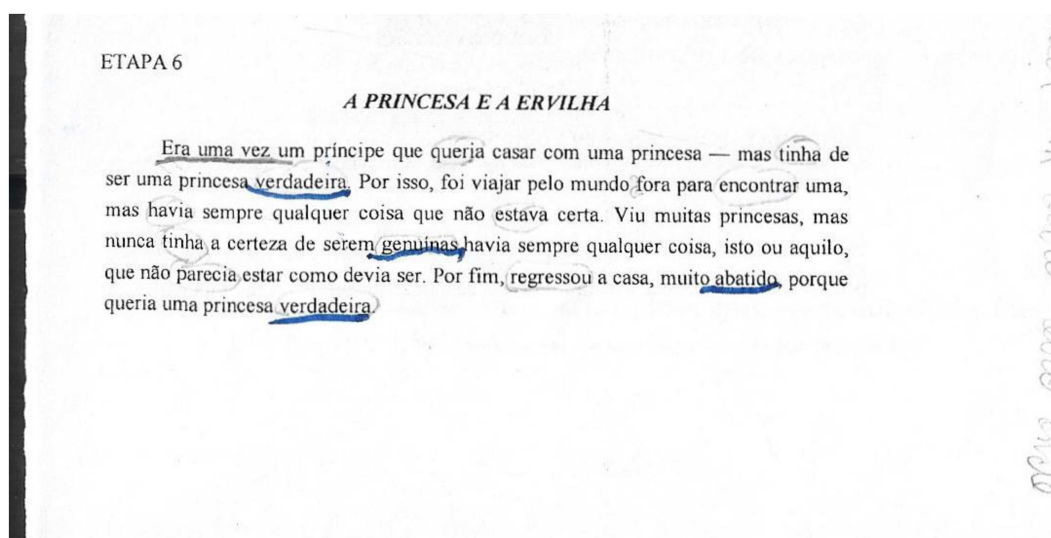
- a) O que desencadeia o aparecimento da velha na primeira visita à moça? E nas outras visitas?
- b) O que as velhas fazem para ajudar a moça? E o que elas pedem em troca disso?
- c) A moça mentia para o vendedor sobre sua habilidade de fiar porque queria casar com ele. Na sua opinião, por que ela queria se casar?
- d) Qual é a estratégia que as velhinhas usam para terminar de auxiliar a moça e livrá-la de ter que fiar?
- e) A estratégia deu certo? Explique.
- f) As características das personagens são descritas por quais palavras no texto?

Velhas:

Moça:

Homem:

- g) Nesse conto de fadas os adjetivos usados para dar características aos personagens fazem toda a diferença para que possamos compreender a narrativa e a estratégia das "alminhas". Explique.



Atividade da etapa 6 realizada por um aluno.

Uma noite houve uma terrível tempestade; os trovões ribombavam, os raios rasgavam o céu e a chuva caía em torrentes — era apavorante. No meio disso tudo, alguém bateu à porta e o velho rei foi abrir.

Deparou com uma princesa. Mas, meu Deus!, o estado em que ela estava! A água escorria-lhe pelos cabelos e pela roupa e saía pelas biqueiras e pela parte de trás dos sapatos. No entanto, ela afirmou que era uma princesa de verdade.

— Bem, já vamos ver isso — pensou a velha rainha. Não disse uma palavra, mas foi ao quarto de hóspedes, desmanchou a cama toda e pôs uma pequena ervilha no colchão. Depois empilhou mais vinte colchões e vinte cobertores por cima. A princesa iria dormir nessa cama.

De manhã, perguntaram-lhe se tinha dormido bem.

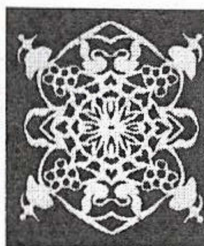
— Oh, pessimamente! Não preguei olho em toda a noite! Só Deus sabe o que havia na cama, mas senti uma coisa dura que me encheu de nódoas negras. Foi horrível.

Então ficaram com a certeza de terem encontrado uma princesa verdadeira, pois ela tinha sentido a ervilha através de vinte edredons e vinte colchões. Só uma princesa verdadeira podia ser tão sensível.

Então o príncipe casou com ela; não precisava procurar mais.

A ervilha foi para o museu; podem ir lá vê-la, se é que ninguém a tirou.

Aqui têm uma bela história!



*Recorte em papel feito por
Hans Christian Andersen*

Fonte: Museus da Cidade de Odense

PERRAULT, GRIMM, ANDERSEN & OUTROS. *Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen & outros*. - 1ª edição - Trad. Maria Luiza X. de A. Borges - Apresentação: Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Nos contos de fadas é comum vermos termos relativos ao tempo que não nos permitem situar em época a narrativa estaria acontecendo. Isso contribui para que esses

Atividade da etapa 6 realizada por um aluno.

TEXTO II

AS TRÊS FIANDEIRAS

Uma moça bonita e prendada não encontrava casamento, embora muito merecesse um bom estado. Ia sempre à missa das almas, pela madrugada e rezava seu rosário para elas. Perto da casa da moça morava um homem rico e solteiro que dizia só casar-se com a melhor fiandeira da cidade. A moça, sabendo dessa notícia, ia comprar linho à casa do rico, dizendo fiá-lo todo num só dia. O homem ficava pasmado, vendo uma moça tão trabalhadora.

Atividade da etapa 6 realizada por um aluno.

Não dando inteiro crédito ao que ouvira, numa manhã, em que a moça apareceu para mercar um pouco de linho, disse-lhe em tom de brincadeira: - Moça, se esse linho é fiado num dia, sem entrar pelo serão, leve-o sem pagar e irei ao anoitecer ver sua tarefa.

A moça voltou para casa muito aflita com a promessa porque não podia fiar o linho num dia, nem a metade da porção que trouxera. Pôs o linho nas rocas e começou a chorar, a chorar sem consolo. Quando, estava assim, ouviu uma voz trêmula dizendo:

- Por que chora a minha filha?

Levantou a cabeça e viu uma velha, muito velha, vestida de branco e muito pálida. Contou o que lhe sucedia e a velha disse: vá rezar seu rosário que eu vou ajudá-la um pouco.

A moça foi rezar e quando acabou todo o linho estava fiado e pronto. A velha disse: - Se você casar eu virei às bodas e não se esqueça de chamar-me minha tia por três vezes.

A moça prometeu. Quando o mercador chegou e viu o linho fiado, ficou assombrado. Gabou muito a moça e no outro dia mandou ainda uma porção maior de linho, dizendo que voltaria para ver o resultado. A moça pôs-se a chorar sem parar.

Outra velha apareceu, parecida com a primeira, e fiou o linho num amém, enquanto a moça rezava e ao despedir-se fez o mesmo pedido que a primeira velha fizera.

Ainda uma vez o mercador visitou a moça e não teve palavras para elogiar o quanto ela fizera num dia. Mandou, de presente, ainda mais linho e o mesmo pedido. A moça voltou a lamentar-se e uma terceira velha apareceu e tudo se passou como de costume, linho fiado e promessa feita.

O mercador veio visitar a moça e pediu-a em casamento, marcando-se o dia. Como um dos presentes de noivado, recebeu a noiva muito linho para fiar, e rocas, fusos, dobadeiras e mais apetrechos. A moça estava desesperada com o seu futuro.

Quando acabou de casar, surgiram na porta as três velhas juntas. A moça, lembrada do que prometera, recebeu-as muito bem, tratando-as por tias, oferecendo comida, bebida, assento, e fazendo toda a sorte de agrados e oferecimentos. O noivo não tinha cobro do espanto que lhe causava a feição de cada uma das velhas. Não se contendo, perguntou:

- Por que as senhoras são assim, corcovadas, olhos esbugalhados e queixos para fora? Foi alguma doença?

Atividade da etapa 6 realizada por um aluno.

- Não foi, senhor sobrinho - responderam as velhas - foi o fiar que nos deu essas pechas. Fiamos anos e anos e ficamos assim, corcovadas pela posição, olhos esbugalhados de acompanhar o riço, queixos feios pela tarefa com os tomentos.

O noivo não quis mais saber de rocas, fusos e dobadeiras. Agarrou tudo e atirou para o meio da rua, dizendo que jamais sua mulher havia de pegar num instrumento que a faria tão feia.

Viveram muito felizes. As três velhas eram as "alminhas," agradecidas pela devoção da moça.

https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/as_tres_fiandeiras

GLOSSÁRIO:

Dobadeiras – mulher que enovela um fiado.

Fiandeira – mulher que fia.

Fiar – fazer fios.

Mercar – comprar.

Pecha – defeito ou falha física.

Roca – aparelho de fiar.

Riço – fios de linho

Tomento – parte fibrosa e áspera do linho, estopa.

1 – Lido o texto acima, marque com lápis de cor de sua preferência todos os verbos que aparecem no pretérito.

2 – Ainda sobre os verbos no passado, responda:

- a) Reflita e anote por que os verbos de um conto de fadas, geralmente, encontram-se no pretérito?

porque normalmente contam histórias acontecidas há muito tempo.

- b) No dia a dia, as pessoas costumam usar esse tempo verbal com frequência? Em que situações ele costuma ser usado na fala? Cite um exemplo.

Sim, contando algo que já aconteceu. Ex: ontem fui à feira.

Atividade da etapa 6 realizada por um aluno.

3 – Complete com os verbos no pretérito ausentes nas lacunas:

Ontem, três velhinhas apareceram (aparecer) na minha loja. Elas eram (ser) muito especiais e tinham (ter) um rosto angelical. Porém, antes de chegarem à loja, eu sabia (saber) que as simpáticas criaturas passaram (passar) pela igreja para fazer umas orações e por lá ficaram (ficar) longo tempo. Depois sairam (sair) e começaram (começar) a visitar alguns estabelecimentos da nossa pequenina cidade.

Quando entravam diziam (dizer) que aquele local estava (estar) abençoado e que os seus proprietários eram (ser) felizes como nos contos de fadas: para sempre!

Não sei se foi (ser) pela minha fé ou milagre daquelas misteriosas doninhas, mas todos, realmente, estão profundamente felizes até o dia de hoje.

Quanto às senhorinhas, sumiram (sumir) e ninguém nunca mais as viu (ver), mas deixaram (deixar) mesmo a alegria por aqui.

4 – Sobre *As três fiandeiras*, responda:

- a) O que desencadeia o aparecimento da velha na primeira visita à moça? E nas outras visitas?

O choro dela, e nas outras visitas também.

- b) O que as velhas fazem para ajudar a moça? E o que elas pedem em troca disso?

Ficam. Que ela chame elas de Tia na casa - menta.

- c) A moça mentia para o vendedor sobre sua habilidade de fiar porque queria casar com ele. Na sua opinião, por que ela queria se casar?

Pelo dinheiro dele.

- d) Qual é a estratégia que as velhinhas usam para terminar de auxiliar a moça e livrá-la de ter que fiar?

Elas falam que ficaram felizes e corcoveadas de tanto fiar.

Atividade da etapa 6 realizada por um aluno.

e) A estratégia deu certo? Explique.

Sim, o marido proibiu a noiva de ficar.

f) As características das personagens são descritas por quais palavras no texto?

Velhas: Polidas, muita velha, corcadas, quicadas.

Moça: Bonita, prendada.

Homem: Rico, saltinho.

g) Nesse conto de fadas os adjetivos usados para dar características aos personagens fazem toda a diferença para que possamos compreender a narrativa e a estratégia das “alminhas”. Explique.

Por elas serem tão velhas, a moça se livra de ter que ficar para o marido o resto da vida.

Atividade da etapa 6 realizada por um aluno.

Realização da etapa 6 e Resultados

Passo 1 – Lemos o conto de fadas *A princesa e a ervilha*, de Hans Christian Andersen, em conjunto (todos tinham o texto em fotocópia). Após a leitura, foi explicado a eles que os contos de fadas contêm termos que não nos permitem situar suas narrativas em um tempo exato. São expressões como “havia um tempo, em certo tempo, era uma vez”. Então, solicitei que sublinhassem o termo que aparecesse no conto lido e exemplificassem sua atemporalidade.

Passo 2 – Expliquei o que são verbos *dicendi* e pedi que encontrassem os verbos *dicendi* no texto. Em seguida, pedi que escrevessem um parágrafo de um conto de fadas que contivesse, pelo menos, três verbos *dicendi*.

Passo 3 – Fomos à biblioteca da escola para que os alunos se familiarizassem com o ambiente e foi explicado a eles como encontrar obras, como ficam dispostas, os prazos de entrega das obras retiradas, a necessidade do silêncio no ambiente, entre outras peculiaridades de comportamentos exigidos em uma biblioteca pública.

Passo 4 – Pedi que respondessem quatro questões sobre as palavras que marcavam as características dos personagens, do lugar e dos objetos que apareciam no texto, com a finalidade de introduzir conhecimentos sobre o uso dos adjetivos na construção dos textos narrativos.

Passo 5 – Leitura do conto de fadas *As três fiandeiras*, dos Irmãos Grimm. Após a leitura, foi solicitado que os alunos marcassem todos os verbos no pretérito presentes no texto e que respondessem algumas perguntas sobre a importância de os verbos aparecerem no passado nesse tipo de narrativa. A finalidade era fazer com que eles percebessem quando usam os verbos no tempo passado e por que a escolha do tempo verbal é importante na hora de escrever ou falar.

Passo 6 – Foi proposta atividade para que completassem as lacunas de um texto com verbos no passado. O texto foi criado por mim.

Passo 7 – Foram propostas questões sobre interpretação do conto de fadas *As três fiandeiras* e questões sobre a caracterização dos personagens através de adjetivos.

RESULTADOS: Os dois textos foram bem recebidos pelos alunos. Durante as leituras, eles fizeram perguntas como, por exemplo, por que a princesa (de *A princesa e a ervilha*) era sensível a uma simples ervilha, se ela era encantada e identificaram esse atributo como o elemento mágico do conto; ficaram curiosos para chegar ao final de *As três fiandeiras*, para saber se as três velhas eram de verdade ou se eram fantasmas. Acrescentaram vários comentários sobre histórias conhecidas e “causos” sobre o mesmo assunto (histórias de fantasmas, almas, monstros).

Quanto às atividades do primeiro texto, foram realizadas rapidamente e a compreensão foi considerada muito boa, todos identificaram verbos *dicendi* e marcadores de atemporalidade com eficiência.

Sobre a visita à biblioteca posso dizer que foi proveitosa, mas não tão funcional como eu gostaria que fosse porque a escola não fica com a biblioteca aberta. Não conta com bibliotecária e para que os alunos possam usá-la temos que agendar e as crianças não podem fazer retirada de livros, a não ser que o professor retire e empreste a eles em sala de aula. A escola não conta com bibliotecária há cinco anos. O que eles aprenderam lá foi para ser utilizado caso procurem a biblioteca municipal.

Sobre as atividades com verbos no pretérito e adjetivos, foram bem realizadas, visto que o conteúdo já está contido na grade curricular do sexto ano, portanto, eles já possuíam

conhecimento prévio sobre essas classes de palavras. Apenas aproveitei para incluí-las na proposta e mostrar suas funções dentro dos textos narrativos.

Tempo de realização: Conforme a previsão feita inicialmente, a etapa durou 8 aulas para ser realizada em sua totalidade.

ETAPA 7

Objetivos específicos

- Reforçar como a descrição de características físicas e psicológicas são inerentes à produção de um bom texto, compreensível pelo leitor.

Ação 1 - Realizar a leitura do texto *As três penas*, dos Irmãos Grimm e responder questionário de interpretação e compreensão do texto.

Ação 2 – Demonstrar, com exemplos do texto *As três penas*, como existem informações essenciais que contribuem para a compreensão, inclusive evitam, muitas vezes, repetições que tornariam o texto sem estilo ou de leitura cansativa e desagradável. Destacar que os vocábulos são escolhidos pelo escritor, com cuidado, para causar ou não determinados efeitos e emoções no leitor.

Tempo para a realização : 2 aulas

Atividade Detalhada

Leitura

AS TRÊS PENAS

Era uma vez um rei que tinha três filhos. Dois deles eram inteligentes e sensatos, mas o terceiro não falava muito, era simplório e só chamado de Bobalhão.

Quando o rei ficou velho e fraco e começou a pensar no seu fim, não sabia qual dos seus filhos deveria herdar o seu reino. Então ele lhes disse:

– Ide-vos em viagem e aquele que me trouxer o mais belo tapete, este será o meu herdeiro, após a minha morte.

E para que não houvesse discussões entre eles, o rei levou-os em frente do castelo, soprou três penas para o ar e falou:

– Para onde elas voarem, para lá ireis.

A primeira voou para Oeste, a segunda, para Leste, e a terceira voou reto para a frente, mas não foi longe, logo caiu ao chão. Então um irmão partiu para a direita, outro para a esquerda, e eles zombaram do Bobalhão, que teria de ficar lá mesmo, no lugar onde ela caiu.

O Bobalhão sentou-se no chão, tristonho. Aí ele reparou de repente que ao lado da pena havia uma porta de alçapão. Ele levantou-a, viu uma escada e desceu por ela. Então chegou à outra porta, bateu e ouviu lá dentro uma voz, chamando:

“Donzela menina, / Verde e pequenina.

Pula de cá pra lá. / Ligeiro, vai olhar / Quem lá na porta está”.

A porta se abriu e ele viu uma grande e gorda sapa sentada, rodeada por uma porção de sapinhas pequenas. A sapa gorda perguntou o que ele queria. Ele respondeu:

– Eu gostaria de ter o mais lindo e mais fino tapete.

Aí ela chamou uma sapinha jovem e disse:

“Donzela menina, / Verde e pequenina,

Pula de cá pra lá, / Ligeiro, vai buscar / A caixa que lá está”.

A sapa jovem trouxe uma grande caixa e a sapa gorda abriu-a e tirou de dentro dela um tapete tão lindo e tão fino como não havia igual na superfície da terra, e o entregou ao Bobalhão. Ele agradeceu e subiu de volta.

Os outros dois, porém, julgavam o irmão caçula tão tolo, que achavam que ele não encontraria nem traria nada.

– Para que vamos nos dar ao trabalho de procurar, disseram eles.

Então, pegaram a primeira pastora de ovelhas que encontraram, tiraram-lhe do corpo as suas mantas grosseiras e levaram-nas ao rei.

Mas na mesma hora voltou o Bobalhão, trazendo o seu belo tapete. Quando o rei o viu, admirou-se e disse:

– Por direito e justiça, o reino deve pertencer ao caçula.

Mas os outros dois não davam sossego ao pai, dizendo que não era possível que o Bobalhão, a quem faltava principalmente juízo, se tornasse rei e pediram-lhe que exigisse mais uma condição. Então o pai falou:

– Herdará o meu reino aquele que me trouxer o anel mais belo.

E ele levou os três irmãos para fora e soprou para o ar as três penas que eles deviam seguir.

Os dois mais velhos partiram de novo para Oeste e Leste e para o Bobalhão a pena tornou a voar em frente e cair junto do alçapão. Então ele desceu de novo e disse à sapa gorda que precisava do mais lindo anel. Ela mandou logo buscar a caixa e tirou de dentro um anel que coruscava de pedras preciosas e era tão lindo como nenhum ourives da terra seria capaz de fazer.

Os dois mais velhos zombaram do Bobalhão, que queria comprar um anel de ouro, e nem se esforçaram. Arrancaram os pregos de um velho aro de roda e levaram-no ao rei. Mas quando o Bobalhão mostrou o seu anel de ouro, o pai disse novamente:

– O reino pertence a ele.

Mas os dois mais velhos não paravam de atormentar o rei, até que ele impôs uma terceira condição: declarou que herdaria o reino aquele que trouxesse a jovem mais bonita. Ele soprou de novo para o ar as três penas, que voaram como das vezes anteriores.

Então o Bobalhão desceu de novo até a sapa gorda e disse:

– Eu devo levar para casa a mulher mais bonita de todas.

– Ah, – disse a sapa – a mulher mais bonita? Esta não está à mão assim de repente, mas tu vais recebê-la.

E ela deu-lhe um nabo oco, com seis camundongos atrelados nele. Aí o Bobalhão falou bastante tristonho:

Então ele agarrou a esmo uma sapinha do grupo e colocou dentro do nabo amarelo; mas nem bem ela se sentou dentro, transformou-se numa lindíssima senhorita, o nabo virou carruagem e os seis camundongos, cavalos. Aí ele beijou a senhorita, atçou os cavalos e partiu com ela para levá-la ao rei.

Os seus irmãos vieram em seguida e não tinham feito esforço algum para encontrarem mulheres bonitas, mas levaram as primeiras campônias que encontraram. Quando o rei as viu, disse logo:

– Depois da minha morte, o reino ficará para o caçula.

Mas os mais velhos atordoaram de novo os ouvidos do rei com a sua gritaria:

– Não podemos permitir que o Bobalhão seja rei!

E exigiram que o preferido fosse aquele cuja mulher conseguisse saltar através de um

aro que pendia no salão. Eles pensaram: “As camponesas vão consegui-lo com certeza, elas são fortes e robustas, mas a delicada senhorita vai se matar pulando”.

O velho rei cedeu ainda essa vez. Então as duas campônias saltaram através do aro, mas eram tão desajeitadas que caíram e quebraram seus grosseiros braços e pernas. Então saltou a linda senhorita que o Bobalhão trouxera e atravessou o aro leve como uma corça, então todos os protestos tiveram de cessar.

Assim o Bobalhão herdou a coroa e reinou por muito tempo com sabedoria.

GRIMM, J & W. Os contos de Grimm. Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Paulus, 1989, p.161-3.

Agora, sobre a narrativa, responda:

- 1) No conto lido, o narrador faz a apresentação dos personagens.
 - a) De acordo com a apresentação inicial, há como detectar quem é/são o/os herói/heróis e quem é/são o/os antagonista/antagonistas?
 - b) Como os filhos do rei são caracterizados? Os irmãos são todos semelhantes ou se desigalam em alguma característica?
- 2) O rei, que já está sentindo próxima a morte, devido à idade avançada, decide realizar a escolha de seu sucessor.
 - a) O que o pai propõe aos filhos para que seja feita essa escolha do herdeiro?
 - b) Qual artifício o pai usa para que cada filho siga um caminho diverso do outro?
 - c) Um dos irmãos, apelidado pelos outros de “Bobalhão”, deveria ir para onde? Por que os irmãos zombam dele?
- 3) O “Bobalhão” encontra um alçapão abaixo de onde a pena destinada a ele caiu.
 - a) Que tipo de mundo ele adentra quando desce as escadas do alçapão?
 - b) Quem ele encontra lá dentro? Como é descrita a cena do encontro pelo narrador?
 - c) O homem, ao receber as dádivas concedidas, comporta-se com grosseria ou com delicadeza? O que o comportamento adotado por ele revela a seu respeito?
- d) Levante hipóteses:
 - Por que o homem não se assusta ao encontrar com tais criaturas falantes?
 - Por que a criatura ajuda o homem no que ele solicita?

-
- 4) Os filhos mais velhos saem em viagem mais de uma vez em busca do que o rei, seu pai, lhes solicita.
 - a) Eles trazem ao castelo o que realmente seu pai lhes pediu? Por quê?
 - b) O filho mais novo faz o mesmo que os irmãos mais velhos? O que ele faz de diferente dos irmãos?
 - 5) Apesar de o pai decretar que o rei será o filho caçula por três vezes ambos os mais velhos resistem e reagem de forma negativa.
 - a) Quais são as três provas que o caçula cumpre primeiramente?
 - b) Quando o rei ordena que cumpram a quarta prova, a do aro, o que leva os filhos mais velhos a crerem que podem vencer?
 - 6) Com o passar das provas, vão-se revelando as personalidades dos três irmãos.
 - a) O que as atitudes de cada um revelam sobre eles ao final do conto?
 - b) O filho tido como “Bobalhão” era mesmo um bobo como os outros supunham? Explique.
 - c) Levante hipóteses: Por que pensavam que o caçula era um “Bobalhão”?
 - 6) Os títulos das narrativas costumam ser um chamariz para “fisgar” o leitor e chamar sua atenção para que se interesse pelo texto. Quanto ao título “As três penas”, você acha que é um título que convence o leitor a ler o conto? O que o título antecipa do que é narrado? O que as penas podem representar na história lida?
 - 7) Onde você imagina que a história narrada possa ter acontecido? Que elementos do texto “desenham” o cenário para o leitor?
 - 8) Como você percebe a passagem do tempo durante a narrativa: demorada ou curta (dura horas, dias, meses)? Que elementos do texto o levaram a essa percepção?
 - 9) Após a leitura atenta do conto “As três penas”, que ensinamentos podem ser entendidos sobre o comportamento dos homens?

Respostas do texto "As três Penas".

1) a) Feroz, belalhão - antagonista, inimico.

b) Os dois inimicos eram sensatos e inteligentes; e o outro era quieto, simpático e bobo. Pais são parecidos e o coque diferente.

2)

a) O Rei assopra a pena e pede que tragam o tapete mais belo do reino.

b) Assoprou três penas.

a) Se um passar para a frente. Porque ele ficou no mesmo lugar.

3)

a) Um mundo cheio de sapos encantados.

b) Uma sapa gorda. Ele desceu as escadas e é recebido por uma sapinha.

c) Ele age com delicadeza e ele parece ser bom.

d) Pais de esta com um conto de fadas.

• Pais em um conto de fadas precisa haver magia mágica.

4)

a) Não, porque eles acham que o coque é bom.

tilibra

b) Não, ele fez tudo que o pai pediu.

5)

a) As tarefas da Tape de anel e da mulher mais bela.

b) Porque as mulheres deles eram camponesas fortes

6)

a) As mais velhas eram idiotas e a mais nova, legal.

b) Não, ele era inteligente.

c) Porque ele não ficou com as irmãs.

7) Não.

(que houve o mapa das Penas

As penas representam os destinos

8) Em um reino distante.

Ele vive em um reino com três caminhos.

9) Recebe o passar do tempo em horas.
Os desafios do rei

10) Não enigma, Susa gloriosa.

Realização da etapa 7 e Resultados

Passo 1 – Distribuí o texto *As três penas*, dos Irmãos Grimm e após leitura atenta, propus que respondessem um questionário que reforçava a observação dos alunos quanto à importância da descrição de características físicas e psicológicas para a produção de um bom texto, compreensível pelo leitor.

Passo 2 – Oralmente, destacamos quais informações eram relevantes para a construção do texto e que vocábulos eram adequados e escolhidos pelo autor ou tradutor da obra para que ela tivesse o estilo e passasse as informações desejadas e, ainda, para que despertassem no leitor certas emoções e reações.

RESULTADOS: A atividade proposta na etapa 7 foi de reforço do que já vinha sendo apresentado nas outras propostas. A discussão acerca da importância de escolha de vocábulos específicos e da descrição correta e precisa dos elementos da narrativa serviram para que os alunos tivessem mais uma modelagem para a feitura da etapa 8, em que foi proposta a produção de um conto de fadas autoral.

Tempo de realização: 2 aulas, conforme previsto.

ETAPA 8

Objetivos específicos

- Propor a criação de um conto de fadas por cada aluno; realizar a correção e a reescrita do texto produzido;
- Realizar a confecção de um livro de contos da turma para que seja exposto no Sarau Literário da escola.

Ação 1 - Propor a realização da produção de um conto de fadas autoral, inédito. O texto deverá ser entregue à professora para que faça os apontamentos de possíveis desvios e sugira as adequações necessárias. Os alunos deverão observar os apontamentos da professora e reescrever o texto, observando o que deverá ser adequado. A reescrita será feita e entregue à professora até que esteja tudo alterado para a produção do livro de contos da turma.

Ação 2 - Ilustrar o conto produzido. A ilustração será feita pelos próprios alunos, com materiais que eles mesmos escolherão, como mosaicos, desenhos, pop-ups, pinturas, etc.

Ação 3 - Exposição dos livros produzidos e espaço de autógrafos durante o Sarau Literário.

Tempo para a realização : 5 aulas e exposição do Sarau Literário.

Atividade Detalhada

Finalizando nossos estudos sobre contos de fadas, vamos produzir um livro de todos os contos que vocês escreverão.

Cada um deve escrever a sua narrativa autoral, criando personagens, enredo, narrador e situando-a no tempo e no espaço adequadamente.

Utilize o espaço abaixo para produzir a primeira versão de sua história.

Posteriormente, vamos revisar e aperfeiçoar o que for necessário.

Quando tudo estiver pronto, você fará uma ilustração e passará a versão definitiva para uma folha que lhe será entregue especialmente para este fim.

Com textos e ilustração em mãos, vamos montar o livro da turma e apresentá-lo à escola.

RASCUNHO PARA A PRODUÇÃO DO CONTO – RESPEITE OS ESPAÇOS PARA OS COMENTÁRIOS DA PROFESSORA, POIS VOCÊ PRECISARÁ OBSERVÁ-LOS QUANDO FOR FAZER SUA VERSÃO FINAL PARA O LIVRO DA TURMA. LEMBRE-SE QUE SUA PRODUÇÃO NÃO ESTÁ LIMITADA EM NÚMERO DE LINHAS. PORTANTO, VOCÊ PODERÁ SOLICITAR QUANTAS FOLHAS DE RASCUNHO QUISER.

NOME OU APELIDO: Galci

TÍTULO DO CONTO DE FADAS: Dent e a Poção

Era uma vez um elfo ^{Dent} que não gostava de tomar banho. Ninguém gostava dele, então ele ^{tentou inventar} uma água mágica que ele bebia e ^{ficava} limpo. Então ele colocou todos os ^{ingredientes} ingredientes daquela água, flor e leite. ^{que conhecia} Mas não adiantou, ele continuou fedorento. ^{lugar?} Então ele começou a chorar. Sua mãe ^{pedrosa} olhou nos olhos dele e disse: - Na floresta existe uma poção que ^{revivifica} revive o poder de qualquer magia do reino. ^{fatiga} Então ele começou sua jornada e andou por mais ou menos dez horas até que ele achou a poção e voltou para casa. ^{onde? como? o que era?} Bebeu a poção e ele e sua mãe viveram felizes para sempre. ^{cheirosos e} Falta contar que quando o elfo Dent era bebê, sua mãe briga com um bruxo e a bruxa lançou um feitiço fazendo com que Dent ficasse fedorento. Isso era um castigo muito grande para um elfo porque eles sempre foram conhecidos por serem seres de pele brilhante, cheirosa e mágica. por causa do seu poder

Rascunho do aluno relativo à produção de texto solicitada na etapa 8 com correções da professora.

* Por um reino perigoso chamado Smok, que
tinha criaturas violentas e plantas venenosas.
Com muita medo
Loçã que era ^{uma} planta roxa que só se encontra
atrás de uma cachoeira muito assustadora.
Dank superou os seus medos, conseguiu a planta,
e fez ^{um} calde magica com o suco de sua raiz.
Na mesma hora que ele tomou a poção, o bruxo
que havia feito o feitiço morreu.

COMENTÁRIOS DA PROFESSORA:

1ª Revisão - Completar as ideias: Por que Dank ficou
fudorinto?; Por onde ele andou (onde foi sua
jornada?); O que era a poção mágica?
Fique mais atenta à ortografia e à pontuação.

2ª Revisão: Muito bem, Gabi! Você entendeu direiti-
nho o que precisava fazer. Muito bom você ter
criado legendas para os complementos. Parabéns!
Na hora de passar a limpo fique muito a-
tenta à ordem dos parágrafos e às correções.

Rascunho do aluno relativo à produção de texto solicitada na etapa 8 com
correções da professora.

MEU CONTO DE FADAS

NOME OU APELIDO: Gabi

6º ANO

Denk e a poção

Era uma vez o elfo Denk que não gostava de tomar banho. Ninguém gostava dele por causa do seu fedor. Então ele tentou inventar uma água mágica que bebesse e ficaria limpa. Colocou todos os ingredientes que conhecia, deixou a água ferver e bebiu.

Élton conta que quando o elfo Denk era bebê, sua mãe Smik brigou com um bruxo e ele lançou um feitiço, fazendo com que Denk ficasse fedorento. Isso era um castigo muito grande para um elfo, porque elfos sempre foram conhecidos por serem seres de pele brilhante, cheirosa e mágica.

Mas não adiantou, ele continuou fedorento. Ele começou a chorar. Sua mãe, piedosa, olhou nos olhos dele e disse:

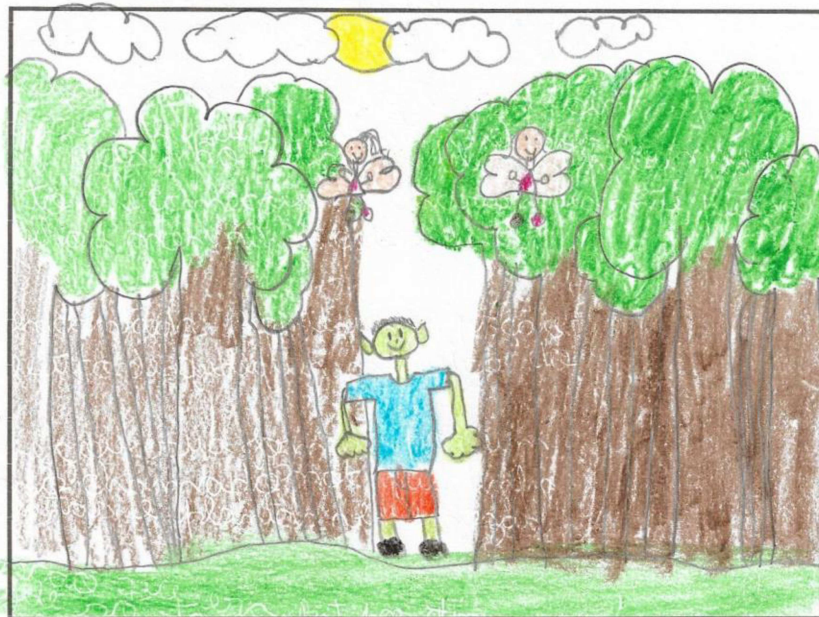
- Na floresta encantada existe uma poção que reverte o feitiço de qualquer mágico do reino.

O elfo começou sua jornada por um reino perigoso chamado Smok, que tinha criaturas violentas e plantas venenosas, andou com muito medo por dias até que achou a poção que era feita de uma planta roxa que só se encontrava atrás de uma cachoeira muito arrastadora.

Dent superou seus medos, conseguiu a planta e fez um caldo mágico com a suco de sua raiz. Bebeu a poção.

Na mesma hora, a bruxa que havia feito o feitiço morreu.

Ele voltou para casa e viveu feliz para sempre com sua mãe.



Produção de texto solicitada na etapa 8 em sua versão definitiva e sua ilustração.

Realização da etapa 8 e Resultados

Passo 1 – Após conversa com os alunos e explicação sobre o que é uma obra autoral, solicitei que escrevessem um conto de fadas de sua própria autoria, utilizando tudo que haviam aprendido durante a realização das etapas anteriores: apresentação das invariantes, caracterização de personagens e do lugar com uso de adjetivos, verbos predominantemente no pretérito, utilização de verbos *dicendi*, escolha de palavras bem adequadas ao conto de fadas, marcas de atemporalidade (mesmo que o conto fosse moderno) e utilização correta das letras maiúsculas.

Passo 2 – Distribuí as folhas para que fossem escritas as produções e tiveram 2 aulas geminadas para realizar a tarefa. Recolhi os textos para fazer os comentários e as correções com calma.

Passo 3 – Na aula seguinte, entreguei aos alunos os textos produzidos com a primeira revisão e eles puderam reescrever observando os comentários. Depois tiveram que comparar a primeira escrita com a reescrita e ver se haviam cumprido com as orientações.

Passo 4 – Levei os textos reescritos para casa e novamente inseri comentários naqueles contos de fadas que ainda que continham desvios de ortografia, concordância, etc.

Passo 5 – Entreguei as produções com a segunda revisão e sugestões de ajustes anotadas. Eles puderam passar para uma folha apropriada à caneta para que, posteriormente, fossem montados livros que seriam expostos aos pais e alunos da escola em Sarau Literário. A folha de gabarito contava ainda com espaço para ilustração e cada aluno pode expressar sua arte ilustrando seu conto de fadas.

Passo 6 – O passo 6 seria a exposição dos livros confeccionados com os textos de todos os alunos da classe, os quais seriam expostos no Sarau Literário da escola e autografados pelos autores, porém essa etapa não pôde ser concluída, pois as aulas foram suspensas quando a pandemia do Novo Coronavírus assolou nosso país. Ainda espero poder realizar essa etapa com os alunos quando tudo voltar à normalidade.

RESULTADOS: As produções dos contos de fadas de cada aluno serviram para análise e comparação com os primeiros textos produzidos por eles na etapa 1 (reescrita do conto de fadas *O Barba Azul*) e conclusão sobre a eficácia ou não da proposta interventiva na evolução dos

Alunos, conforme os objetivos gerais e específicos que foram estipulados no início da pesquisa.

Após analisar cada um dos contos, a conclusão foi a de que a maioria dos alunos alcançou o que se esperava com relação à ampliação do repertório literário, ampliação dos vocábulos utilizados por eles, melhoria na ortografia e no uso dos verbos nos tempos adequados, melhoria da compreensão de como o texto narrativo se constrói, encadeamento das ideias do texto, utilização adequada de letras maiúsculas e descrição apropriada de personagens e lugares.

O resultado final da pesquisa também teve por base mais um questionário diagnóstico que se constituiu em um instrumento de autoavaliação discente, que consta no texto da dissertação e serviu para apoio e confirmação dos dados de acordo com as percepções dos alunos envolvidos sobre seu aprendizado e evolução ao término das atividades.

Tempo de realização: 5 aulas, de acordo com o previsto, mais algumas horas de correção e comentários feitos pela professora-pesquisadora fora da sala de aula.

A exposição não pôde ser realizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sequência didática apresentada neste Caderno Pedagógico foi aplicada entre os meses de outubro a dezembro de 2019 (4º bimestre letivo) e entre os meses de fevereiro e março de 2020 (1º bimestre letivo), na mesma turma de 6º ano do Ensino Fundamental II. No ano de 2020, apesar de os alunos já estarem cursando o 7º ano, a proposta foi finalizada com conteúdos correspondentes aos do 6º ano. Isso aconteceu porque, no mês de dezembro de 2019, os alunos pararam de frequentar as aulas antes do término do ano letivo e não foi possível dar continuidade aos trabalhos. A escola onde foi feita a aplicação se localiza no município de Paraíba do Sul, Rio de Janeiro e se trata de uma escola municipal.

A proposta foi elaborada com base em dois questionários prévios que foram respondidos pelos alunos. Versavam sobre as experiências dos estudantes com a leitura, com os gêneros textuais e sobre seus repertórios literários. Dessa forma, pôde ser descoberto com quais gêneros textuais tinham mais afinidade e qual gênero mais os agradaria, além de poder traçar o perfil da realidade de prática leitora da turma.

Foi possível perceber que o interesse maior ainda girava em torno de textos mais curtos e mais lúdicos, o que levou à abordagem dos contos de fadas. Os contos foram selecionados de acordo com o ineditismo para aqueles alunos e a pertinência do tema às suas realidades sociais. Funcionaram como introdução à Literatura e o gênero textual conto de fadas foi redescoberto, isto é, foi visto através de outra perspectiva pelas crianças (que, em sua maioria, conheciam poucos contos e versões muitíssimo resumidas deles).

O trabalho de sistematização do gênero e de atividades de gramática ficou mais leve e mais divertido e foi bem aceito pelos alunos, alcançando a participação de todos eles em quase todas as etapas.

Ao final, o processo de produção e reescrita dos contos de fadas autorais foi bem interessante. Os alunos se dedicaram, se preocuparam em aplicar o que haviam aprendido ao longo das etapas 1 a 7 e se divertiram ilustrando seus textos.

Não pudemos concluir a confecção dos livros, nem expô-los no Sarau Literário da escola, visto que as aulas foram paralisadas por conta da pandemia do Novo Coronavírus, mas espero poder realizar esse passo da etapa 8 quando tudo voltar ao normal.

Para mim, como professora-pesquisadora, foi gratificante realizar algo significativo com esses alunos. Pude ver como é bom lecionar de forma autônoma e autoral, com alunos protagonistas de suas próprias aprendizagens e, finalmente, satisfeitos por estarem na aula de Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AS HISTÓRIAS reais que inspiraram os contos de fadas. *Observador*, Lisboa, 16 abril 2015, 12:57. Disponível em: <<https://observador.pt/2015/04/16/as-historias-reais-inspiraram-os-contos-fadas/>> Acesso em: 15 fev. 2020.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos Contos de Fadas*. 34. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil*. Teoria. Análise. Didática. São Paulo: Moderna, 2000. p. 92-149.

COLASANTI, Marina. *Contos de amor rasgados*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros*. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Círculos de Leitura e Letramento Literário*. 1. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

GRIMM, J & W. *Os contos de Grimm*. Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Paulus, 1989, p.161-163.

_____. Todos os contos dos Irmãos Grimm. *As três fiandeiras*. Disponível em: <https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/as_tres_fiandeiras> Acesso em: 15 fev. 2020.

ISER, Wolfgang. "O repertório do texto com o leitor". In: *O ato da leitura. Uma Teoria do efeito estético*. 34ª ed., v. 1. São Paulo: 1996. p. 101-157.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. 12ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

LOBATO, Monteiro. *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2019. p. 48-50.

MARIA, Luzia de. *Leitura & colheita: livros, leitura e formação de leitores*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. "Gêneros textuais: definições e funcionalidade". In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.). *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002. p. 19-36.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARUSIA. Barba Azul e a violência contra a mulher. *Mãe Perfeita*, Bahia, 16 novembro, 2013. Disponível em: <<https://maeperfeita.wordpress.com/2013/11/16/barba-azul-e-a-violencia-contra-a-mulher/>> Acesso em: 01 out. 2019.

MEREGE, Ana Lúcia. *Os contos de fadas: origens, histórias e permanência no mundo moderno*. São Paulo: Claridade, 2010.

NOGUEIRA, Elza de Sá. *Intertextualidade no Polissistema Literário: uma proposta de ampliação do repertório do jovem leitor*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 15, 2017, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos... Rio de Janeiro: ABRALIC, 2017, p. 3113-3124. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522197019.pdf> Acesso em: 20 set. 2019.

PAULINO, Graça. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. *Revista Portuguesa de Educação*, Universidade do Minho, Portugal, v. 17, n.1, 2004, p. 47-62.

PAULINO, Simone Campos. Contando e recontando “Barba Azul”: a curiosidade feminina nas narrativas de Perrault e Marina Colasanti. *Rev. Prog. de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes*, UNIGRANRIO, v. 1, n. 17, 2018. ISSN 2178-7956. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/download/4974/2691>> Acesso em: 01 out 2019.

PERRAULT, Charles. *Contos de Fadas*. Tradução e Adaptação Monteiro Lobato. São Paulo: Brasiliense, 1960. p. 11-17.

_____. *O Barba Azul*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2009.

PERRAULT, GRIMM, ANDERSEN & OUTROS. *Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen & outros*. - Trad. Maria Luiza X. de A. Borges - Apresentação: Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SOARES, Magda. “A escolarização da literatura infantil e juvenil”. In: MARRIS, Aracy Alves (Org.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, 2007. p. 17-48

TATAR, Maria. *Contos de Fadas*. Tradução Maria Luiza Xavier de Almeida Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

[VOLTAR PARA O INÍCIO](#)

